

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA 9º PERIODO**

RIZALVA MONTEIRO MATOS

**O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Parintins-AM

2018

RIZALVA MONTEIRO MATOS

**O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade de Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro

Parintins-AM

2018

RIZALVA MONTEIRO MATOS

**O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia, pela Universidade de Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 10/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro. orientador

Universidade de Estado do Amazonas

Prf^a Msc. Delma Pacheco Sicsu. membro

Universidade de Estado do Amazonas

Prf^a Dr^a. Ângela M^a Rodrigues de Figueiredo. membro

Universidade de Estado do Amazonas

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia, à turma do 3º ano da escola Beatriz Maranhão, que de braços abertos nos receberam na sala de aula; suas contribuições foram de suma relevância para que chegássemos às respostas das nossas indagações. Com o sentimento de dever cumprido, nossos votos são de uma educação para todos, onde todos possam ter o direito à fala, uma oralidade bem desenvolvida, que transforme suas realidades, e os façam cidadãos de fato inseridos na sociedade, podendo usar o diálogo para auxiliá-los em qualquer contexto comunicativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem a mão Dele em minha vida, nem mesmo seria possível respirar, e a sua mão me guiou por toda essa jornada acadêmica, muitas vezes veio o desânimo, a vontade de desistir me perseguiu por várias vezes, principalmente quando me via doente, com duas crianças, um marido e uma casa para cuidar e ainda ter o ânimo de estar na faculdade; mas todas as vezes que consegui chegar até lá foi à mão de Deus que me sustentou.

E cada aprendizado devo aos meus professores que foram sem dúvida os melhores que já tive, pois me proporcionaram a vontade de ir além, de buscar mais, de pesquisar mais, e assim me tornar um professor pesquisador, no qual luta cada dia para aprender mais e mais e compartilhar com seus educandos. Agradeço imensamente aos meus pais, por todo esse tempo nunca terem deixado de fazer suas orações pela madrugada pedindo a Deus em meu favor, que me desse saúde, coragem, força, fé e sabedoria, por essa gratidão deixo aqui os nomes deles, Dário Monteiro de Souza e Cleoní Matos Monteiro.

Não posso esquecer também dos meus irmãos Ivo Monteiro e Leomar Monteiro que sempre estiveram dispostos a estender a mão quando precisei, quantas vezes me levaram e me buscaram na faculdade, mesmo tendo seus afazeres. Meu esposo Lucas Prado, todo esse tempo nas horas mais difíceis ele sempre esteve do meu lado, minha irmã Risomar Monteiro, pelas palavras de incentivo a continuar e meus filhos Pedro Lucas e Ana Clara, por me ensinarem que é por eles que eu tenho que lutar e nunca desistir e sempre pedir a Deus mais forças para ir além, pelo bem e o futuro deles.

Agradeço muito a Deus por ter preparado um orientador tão perfeito para mim, pois Deus sempre me proporcionou o melhor em tudo, meu orientador Prof. MSC. Franklin Roosevelt Martins de Castro, o qual foi um exemplo de sabedoria, paciência e competência na minha orientação, me deu todos os livros que precisava, e isso foi um grande suporte para a construção do meu TCC. E agradeço também a todos meus colegas de sala que se tornaram amigos, pelas palavras de incentivo. Agradeço a todos de coração, pois todos contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender como é trabalhado o desenvolvimento da expressão oral dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental e como objetivos específicos analisar a comunicação oral nos anos iniciais do ensino fundamental, descrever as competências e as habilidades na expressão oral dos educandos e, por fim, apresentar estratégias para possibilitar a comunicação oral dos educandos. Aborda-se o conceito da oralidade, seu surgimento, suas características, divergências e semelhanças com a escrita. Os autores que fundamentam este estudo são: Ong (1998), Street (2014), Calvet (2011) e Antunes (2003) dentre outros, os quais tratam sobre o tema analisado. O contexto da pesquisa se deu em uma escola pública no município de Parintins-Am. Como metodologia adotou-se a pesquisa bibliográfica, a pesquisa qualitativa e o método de abordagem dialético, adotando-se para coleta de dados a observação direta, o questionário e o grupo focal. Os sujeitos foram vinte e oito estudantes do 3º ano do ensino fundamental e a professora da turma. Os resultados apontam que a questão da oralidade ainda é um assunto incompreendido pelos educandos e que o trabalho do desenvolvimento da expressão oral na turma ainda não está suprimindo todas as necessidades, para que aconteça de fato o desenvolvimento da expressão oral dos educandos.

Palavras-chave: Oralidade. Desenvolvimento. Competências. Habilidades.

ABSTRACT

The present work has as general objective to understand how the development of oral expression is worked in the initial years of elementary school; and as specific objectives, analyze the oral communication in the early years of elementary education, describe the competences and skills in the oral expression of learners, and finally present strategies to enable oral communication of learners. It's presented the concept of orality, its surging, characteristics, divergences and similarities with writing. Researched authors were: Ong (1998), Street (2014), Calvet (2011) and Antunes (2003), among others, on the subject. The context of the research was in a public school in the town of Parintins – AM. The methodology adopted was bibliographical research, qualitative research, and the method of dialectic approach. It was adopted for the data collect the observation, the questionnaire, and the focus group. The subjects were twenty-eight students of the 3rd year of elementary school and the teacher of the class. The results point out that the orality subject is still a subject misunderstood by the educators, and the work of developing oral expression in the class is still not supplying all the needs for the development of oral expression of learners.

Key words: Orality. Development. Competences. Skills.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA VIDA DO HOMEM ...	11
1.1. Oralidade.....	11
1.2. As diferenças entre oralidade e escrita	16
1.3. Habilidades e competências na oralidade.....	20
1.4. Oralidades e os letramentos sociais	26
CAPÍTULO II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	29
2.1. O contexto da pesquisa	30
2.2 Os caminhos da pesquisa.....	31
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3.1. A comunicação oral nos anos iniciais do ensino fundamental	34
3.2. As competência e habilidades na expressão oral dos educandos ..	41
3.3. Estratégias para possibilitar o desenvolvimento da expressão oral	45
3.4. SÍNTESE: O trabalho do desenvolvimento da expressão oral.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A oralidade é uma prática social interativa que é adquirida nos contextos informais familiares que possibilita o ser humano comunicar-se de forma clara e objetiva, inserir-se no meio social, podendo desenvolver a construção social da linguagem. O seu desenvolvimento deve ser aperfeiçoado com o auxílio da escola, para que, através da interação, o educando possa compreender seus conceitos, características e desenvolvimento de suas funções. Nessa perspectiva o presente trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre o desenvolvimento da expressão oral dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Este estudo está estruturado em capítulos: o capítulo I que aborda os conceitos fundamentais da temática, deixando evidentes as diferenças entre oralidade primária e oralidade secundária, sua relevância na vida do homem, na formação do desenvolvimento da fala do sujeito; destaca como a oralidade bem desenvolvida é imprescindível para o convívio social, para a interação entre os seres humanos e para se comunicar com clareza, podendo discutir sobre temas informais do cotidiano, ou mesmo sobre temas relevantes, nos quais trarão resultados à vida pessoal e profissional.

Enfatiza que se faz necessário que a escola promova esses conhecimentos aos estudantes para que assim eles possam desenvolver suas competências e habilidades na área da comunicação e possam ampliar seus conhecimentos, através das experiências vivenciadas no ambiente escolar, para com isso se atrela conhecimentos que já possuem, com as práticas adquiridas na sala de aula, tornando-se assim um adulto comunicativo, participativo e que tenha sua oralidade bem desenvolvida, para lhe auxiliar nos mais diversos contextos sociais de sua vida.

Ressalta as diferenças entre dois tipos de linguagens mais usados pelos seres humanos, a fala e a escrita, destacando suas semelhanças e suas divergências e explicita suas características e relevância para o meio comunicativo, deixando claro que o trabalho realizado na escola com esses dois tipos de linguagens são de suma importância para o desenvolvimento das competências necessárias, para que o educando possa participar de uma vida social ativa, a qual possibilite a sua inserção nos mais diversos tipos de interações sociais, como eventos comunicativos, reuniões, debates, apresentações, ou mesmo em situações

comuns do dia a dia, como um simples aviso, ou a transmissão de um recado, pois se o ser humano não adquirir essas habilidades ele será impedido de ter um bom relacionamento comunicativo.

Relata sobre as competências e as habilidades na oralidade, quando começa a aquisição desses conhecimentos no seio familiar de caráter informal, podendo ser logo nos primeiros meses de vida, logo que o bebê se comunica com a mãe e com a família em geral, que vai adquirindo essas competências, podendo ser através dos gestos corporais, faciais, até surgir à fala e logo em seguida esse desenvolvimento devem ser aperfeiçoadas pela escola, que é assegurado por lei esse desenvolvimento das competências e das habilidades, para possibilitar o ser humano ter um convívio social de qualidade, dominando todos os tipos de comunicação, seja ela, falada ou escrita.

Discute sobre o tema oralidade e os letramentos sociais, nos quais a oralidade é o ato de transformação do pensamento em fala e, assim, necessita de um aperfeiçoamento para que o ser humano a domine nos mais diversos contextos comunicativos e evidencia que o letramento consiste na aquisição dos conhecimentos gerais, os adquiridos através das suas experiências, deixando evidente que não é necessário ser letrado para fazer uso das formas cultas da língua e que podem existir sociedades letradas sem que haja escolarização.

Para este trabalho realizamos a pesquisa, buscando primeiramente os fundamentos bibliográficos, procurando entender o que os autores tinham sobre o assunto, identificando quais suas concepções sobre o tema abordado.

O arcabouço teórico foi constituído a partir de autores americanos e brasileiros como Street, (2014), Ong (1998), Calvet (2011), Marcuschi (2010), Rojo (2010) Kerbrat (2006), Antunes (2003) Câmara Jr (2001), Vygostky (1991), PCN de língua portuguesa (1997), RCNEI para a educação infantil, dentre outros, os quais estão citados nas referências do referido trabalho.

O capítulo II faz menção aos caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa e o contexto da pesquisa realizada, que foi em uma escola da rede pública Municipal com alunos de uma turma do 3º ano do ensino fundamental. Para as referências nos apropriamos das obras dos seguintes autores. Para embasar a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo, o método dialético e os instrumentos usados na pesquisa, utilizamos Lacatos (2003). Ainda, para contribuir com o método dialético, utilizamos Frigoto (1987). Para embasarmos a técnica utilizada através do

grupo focal, usamos Gomes (2005) e a pesquisa qualitativa, embasamos conforme a concepção de Creswell (2007); para compreendermos nossos passos nos quais teríamos que percorrer a fim de chegar à resposta do devido problema, abordado no trabalho.

No capítulo III, apresentamos a análise e a discussão dos resultados, mediante as observações, a participação e a coleta de dados que foram feitas através das entrevistas realizadas com três grupos de educandos, quando chamamos de grupo focal, e o questionário aplicado à professora da sala, onde pudemos comparar as concepções dos autores estudados com a nossa observação, as concepções dos educandos, os quais nos deram respostas sobre os temas abordados e as concepções da professora. Desse modo fizemos um levantamento sobre os estudos já realizados sobre o tema do desenvolvimento da oralidade e o que realmente é realizado nas escolas principalmente na sala aonde realizamos a pesquisa.

Nas considerações finais, abordamos a contribuição dos estudos para a nossa pesquisa, em que ressaltamos ter alcançado nossos objetivos, cujos resultados servirão de apoio a outros trabalhos que abordem o desenvolvimento da expressão oral e dessa forma, possa contribuir para que este trabalho possa ganhar cada vez mais espaço dentro das nossas escolas e, portanto, ser realizado de forma coerente com as normas de ensino previstas, tanto pelas leis educacionais, como um direito do ser humano sair da escola dominando as competências e habilidades para se expressar pela oralidade nas situações de comunicação que se fizerem necessárias.

CAPÍTULO I: O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA VIDA DO HOMEM

1.1. ORALIDADE

Oralidade é o ato de transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo dos tempos através da fala. É o modo de expressão e de comunicação usando a linguagem verbal. A oralidade, quando bem desenvolvida, permitirá o homem a comunicação, isto é, falar o que pensa e se fazer entender na escola, na família, na comunidade, na sociedade em geral.

A fala é a representação do pensamento. Segundo Vygotsky, (1991), *apud* Rojo (2010), “o pensamento não só se expressa na palavra, mas realiza-se nela”. Nessa concepção o pensamento antecede a linguagem e em seguida o pensamento se transforma na fala, quando se dão processo da linguagem, sendo um dos modos de comunicação mais relevantes na vida dos seres humanos.

A linguagem oral bem desenvolvida é importante para o homem, pois ela promove a socialização, a construção de conhecimentos, a interação na sociedade, aguça a percepção auditiva para compreender o outro e o possibilita a participar ativamente das atividades e da cultura pela qual faz parte, assim como diz Calvet (2011, p.10). “A oralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem”.

Desse modo, apreende-se que a oralidade não se resume somente à fala, mas inclui todo um conjunto da fala, da comunicação, do diálogo e da percepção auditiva, que é primordial para acontecer o entendimento entre as pessoas e assim o desenvolvimento da fala, ou seja, da oralidade, sendo que a fala precede a escrita, pois antes da escrita já existia comunicação entre os seres humanos e as sociedades de tradição oral, os quais não usavam a escrita para a sua comunicação, e até o surgimento da escrita as sociedades usavam a oralidade para desenvolver o diálogo, que desde os primórdios vêm sendo compartilhadas suas histórias através da oralidade. Calvet relata um exemplo sobre a comunidade dos griôs que indica a vivência natural das sociedades de tradição oral:

Antes de tomar a palavra e de dizer a tradição, os griôs provam ter direito a fala, justificam de alguma maneira sua competência, da mesma forma que um universitário ocidental se basearia, numa tese de história, por exemplo, em uma extensa bibliografia. (CALVET, 2011, p.8)

Notamos com isso, que a sociedade oral que Calvet (2011) descreve no seu livro, usava a oralidade como uma única forma de comunicação, que conservavam suas histórias através da memória, sendo contadas oralmente e compartilhadas de geração em geração, defendiam seu direito de expressão através da fala, levando adiante suas histórias, seus contos, seus mitos, pois assim como as sociedades escritas levavam para frente suas histórias através da escrita, os griôs que faziam parte de uma comunidade Africana, também tinham sua forma oral de levar adiante a sua história.

Segundo Calvet, a história que a conta no seu livro, o Griô Mamadu Kuyaté ressalta: “sem nós os nomes dos reis cairiam no esquecimento [...]” percebemos que a referida sociedade de tradição oral retratava seu passado, seu presente e seu futuro através da oralidade e desse modo essas sociedades se comunicavam, havendo assim a interação entre elas, cujo meio de comunicação nos proporciona, até nos dias atuais, um modo relevante de mantermos o diálogo entre nós humanos. Assim, confirma-se na fala de Siertsema (1955) (*apud* ONG 1998, p.15), “onde quer que existam seres humanos, eles têm uma linguagem, e sempre uma linguagem que existe basicamente por ser falada e ouvida, no mundo sonoro”.

Nesse sentido, Ong (1998) enfatiza que a linguagem possibilita a comunicação entre o ser humano e o papel da fala é proporcionar o entendimento entre as pessoas, permitindo a interação entre elas; organizam-se, então, os pensamentos e depois é possível transformá-los em palavras e frases, isto é, a oralidade é que expressa o que pensamos o que sentimos as nossas opiniões, os nossos anseios, de forma que os interlocutores possam entender a mensagem dita por quem está e expressando.

A oralidade permite interagir na sociedade, comunicar uns com os outros, e dialogar com as pessoas. Mas para isso é preciso ter os pensamentos bem organizados e, conseqüentemente, a oralidade bem desenvolvida, para saber se expressar, dialogar, falar em público, uma vez que a oralidade, quando bem desenvolvida, capacita o homem no bom desempenho da comunicação na sociedade.

Para Calvet (2011), trabalhar os jogos lingüísticos com as crianças, pode ser um meio relevante para auxiliar no desenvolvimento da fala, como o autor mesmo afirma: “servindo de exercício de harmonia vocálica”. Com isso, os exercícios com

os jogos possibilitarão às crianças dialogarem conforme com as normas lingüísticas, mesmo fazendo parte de uma sociedade escrita.

Os jogos, segundo Calvet (2011, p.16) são: a linguagem infantil, a trava línguas, as adivinhações e os contos com chaves. Assim os jogos, quando trabalhados de maneira adequada com as crianças, estimulam o desenvolvimento da fala e a aperfeiçoam, fazendo com que se desenvolva com eficácia a oralidade, posto que o exercício dos jogos torna-se um aliado na questão do bom desempenho da fala com perfeição.

Sendo assim, Calvet (2011) nos instiga ao entendimento de que é possível a tradição oral, ser parte integrante das sociedades de tradição escrita, pois a oralidade assim como a escrita, é um relevante meio de comunicação e deve ser estimulada para sobreviver ao seu desenvolvimento.

A oralidade foi definida por Walter Ong (1998, p.19), em dois tipos de oralidade, os quais são a oralidade primária e a oralidade secundária. A “oralidade primária” é aquela de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. Sendo assim, entende-se que a oralidade primária é totalmente despojada da escrita, a comunicação acontece somente através da fala, sendo usada para todos os tipos de comunicação dentro da sociedade na qual faz parte. Por sua vez, conforme Ong, explicita que:

Oralidade secundária da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja experiência e funcionamento dependem da escrita e da impressão (ONG, 1998, p.19).

Nesse contexto fica evidenciado que a oralidade secundária, diferentemente da oralidade primária, não depende somente da fala em si, mas interage com os meios de comunicação e, conseqüentemente, com a escrita para ser realizada.

Embora na concepção de Street (2014) não deve haver essa divisão entre oralidade e o letramento, abordado por Walter Ong, pois em uma sociedade de tradição oral primária ou secundária é possível que haja letramento, segundo Street (2011) “todo o povo dispõe de convenções para formalizar, distanciar, analisar, separar e manter certas coisas constantes, agindo como se o mundo evanescente pudesse ser ‘fixado’ ”.

Desse modo, notamos, conforme o pensamento de Street, que mesmo em uma sociedade de tradição oral é possível ser letrada, pois o ser humano tem toda

capacidade de distinguir as coisas que estão à sua volta. Street (2014) ressalta ainda que “o fato de Ongparecer querer usar as culturas orais nos dias de hoje (se é que podem ser encontradas) como comprovação da natureza de sociedades passadas”. Assim,compreendemos que Street não aceita essa divisão que Ong faz das sociedades orais e escritas distanciadas do letramento, pois conforme Street “a escrita é definida, não como a representação de coisas, mas a representação de sons”. Fica evidente que uma sociedade, independente de ser de tradição oral ou escrita, ela pode se tornar letrada.

O desenvolvimento da expressão oral é uma forma relevante para a comunicação nos dias atuais, pois vivemos na época das tecnologias e a oralidade está interligada às tecnologias para que haja comunicação. Portanto, quanto mais cedo começar o processo de desenvolvimento da oralidade com as crianças, melhor será, pois assim elas construirão com eficácia as habilidades da oralidade, de forma a realizar com vigor um discurso, a saber a hora de falar e a hora de parar, dominado, assim, o momento de falar, para que haja respeito às regras da polidez como Kerbrat (2006, p. 101) ressalta: “Respeitar as regras da polidez é dar condições para que a interação funcione adequadamente”.

Considera-se por essa visão que a oralidade não se resume somente em saber falar, mas implica utilizar uma série de regras que necessitam ser dominadas para com isso se obter a eficácia quanto à questão da oralidade e uma delas é a polidez. No que se refere ao respeito de uma pessoa para com a outra, no momento da fala, saber a hora de se posicionar, e hora de ceder a vez ao outro, para que o diálogo aconteça de forma prazerosa e ambos se entendam. Chama-se esse processo de conversação, como ressalta Kerbrat (2006):

Assim a conversação tem como característica implicar um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não está predeterminado, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres (a interação é de tipo “simétrico e igualitário”) e que não tem outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar; ela tem enfim um caráter, familiar e improvisado (KERBRAT, 2006, p. 13).

Nesse sentido, entende-se que na conversação existem regras, as quais necessitam ser compreendidas e seguidas, para que assim aconteça o entendimento entre os que conversam e haja o prazer do diálogo, sem a interrupção de nenhum dos participantes.

Desse modo, fica evidenciado que a oralidade é das formas de comunicação mais relevantes na sociedade, pois sem a fala, não existiria a conversa ou o diálogo sonoro.

Ainda na concepção de Kerbratt (2006) existem diversidades de interações comunicativas, as quais são por ela comparadas às conversações realizadas através da fala. Assim, um conjunto de regras está relacionado ao funcionamento da oralidade, da comunicação e da interação entre os seres humanos, como percebemos na fala de Kerbrat, (2006 p.12) quando ela esclarece sobre as conversações verbais: “A família das interações verbais é numerosa e diversa”. Assim percebe-se que nas conversações necessita-se de uma oralidade bem desenvolvida e, conseqüentemente, deverá ser uma das prioridades nos ensinamentos escolares aos Educandos.

Segundo Kerbrat(2006, p.12): “A família das interações verbais é numerosa e diversa”. Sendo assim apresentaremos no Quadro I, algumas dessas interações verbais, indicando os elementos que constituem a oralidade.

Quadro I

Características	Descrição
As conversações familiares	As conversas são de caráter improvisado, em que há os turnos de falas, de maneira relativamente livre.
As conversas de todos os gêneros	Todos os tipos de conversas seja ela formal ou informal.
As entrevistas	São conversas formais, geralmente planejadas para registros profissionais.
Os debates	São trocas comunicativas, entre dois ou mais participantes, havendo o emissor e o interlocutor.
As transações comerciais	Interações que se desenvolvem em alguns estabelecimentos comerciais.
As trocas didáticas	As conversas partilhadas com fim educativo.

Os encontros científicos	Pessoas de um mesmo nível de escolarização agregando conhecimentos
As reuniões de trabalho	Conversas entre empreendedores a fim de tomar decisões.
As sessões de tribunal	Reuniões judiciais e audiências
As conferências diplomáticas	São reuniões feitas entre países.

Pelo exposto, o quadro retrata os elementos que constituem a oralidade e assim ressaltamos que para todos esses fins a oralidade é indispensável na vida do ser humano, pois a oralidade desenvolvida corretamente capacita ao bom desempenho linguístico, como mostrado, desse modo ele poderá participar, obtendo êxito em qualquer uma das conversações. Dessa forma fica corroborada sua relevância no universo das conversações e interações verbais.

1.2. AS DIFERENÇAS ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

A escrita e a oralidade são diferentes uma da outra, apesar de serem interligadas, e as duas propiciarem a interação entre os seres humanos, porém cada uma exerce um papel dentro da arte da comunicação. A oralidade, por sua vez, exerce a comunicação através da fala, a qual se utiliza os gestos do corpo, o olhar, a expressão facial, dentre outros, e a escrita não utiliza esses mesmos fenômenos para se realizar, assim afirma Marcuschi (2010, p.16) “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala, [...] a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros”. Assim já notamos uma nítida diferença entre as duas, ainda na concepção de Marcuschi (2010), “a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímicas e prosódia graficamente representada”.

Dessa forma podemos perceber que a oralidade e a escrita são indispensáveis no ato da comunicação, porém cada uma com suas especificidades próprias, enquanto a oralidade emprega seus elementos através da fala e de gestos, a escrita aproveita a grafia para realizar suas situações comunicativas.

Nesse contexto, apesar da oralidade e da escrita apresentarem algumas divergências, não se pode classificá-las totalmente opostas uma da outra e para compreendermos essa questão, Marcuschi, (2010, p.17) nos diz que “a oralidade e a escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. Sendo assim, as duas fazem parte de um mesmo grupo linguístico, e ambas são fundamentais na construção dos textos, que transmitem a comunicação.

A escrita é uma arte típica das sociedades existentes no nosso planeta e, a mesma foi criada nos séculos IV e III antes da nossa era, na Mesopotâmia, logo após os egípcios também iniciam seus processos de criação da escrita, a mesma foi criada pela necessidade de registrar seus trabalhos cotidianos, o que hoje chamamos de registros administrativos, econômicos, políticos e sociais. Na época em que a escrita foi criada, havia a necessidade de fazer esses registros, dessa forma os homens precisavam registrar seus trabalhos, suas histórias, seus contatos, enfim, desde o seu surgimento, a escrita tem um relevante papel nos fatos sociais do nosso cotidiano.

Nesse contexto, nos perguntamos sobre as diferenças entre a escrita e a oralidade? Já podemos perceber uma nítida diferença entre as duas, logo no surgimento, pois a oralidade sempre existiu desde que a humanidade foi criada, segundo a religião cristã, a Bíblia relata no 1º capítulo de Gêneses, no momento que Deus diz haja luz, haja terra.

Percebemos que a fala ou a oralidade aqui expressa já existia desse modo notamos que é uma das diferenças entre a oralidade e a escrita, e, por sinal muito relevante nas sociedades humanas, assim segundo Câmara Jr (2001) existe uma diferença, pois uma pode ser falada e a outra pode ser escrita, ainda na concepção do autor, a oralidade se comunica pelo ouvido, e a escrita pela visão, por meio dos símbolos gráficos, existindo sim diferenças, mas apesar das diferenças, nenhuma deixa de ser relevante para o processo de comunicação entre os seres humanos. Ainda na fala do autor Câmara Jr, (2001, p. 14), percebemos as desarmonias, oralidade e escrita:

A civilização deu uma importância extraordinária à escrita e, muitas vezes, quando nos referimos à linguagem, só pensamos nesse seu aspecto. É preciso não perder de vista, porém, que lhe há ao lado, mais antiga, mais básica, uma expressão oral (2001, p. 14).

Portanto nota-se que as duas, muitas vezes são vistas de formas diferentes pelas sociedades, pelo fato da escrita ser mais visível, por ser trabalhada com os símbolos gráficos e a oralidade ser dependente da fala e dos comportamentos gestuais, mas, como o autor mesmo enfatiza que a oralidade também tem seu papel complacente na linguagem humana. Ainda seguindo o raciocínio do autor mencionado acima, notamos a relevância da oralidade, quando afirma:

O uso da palavra falada, nas mais diversas condições, em meios civis ou militares é uma contingência permanente de um oficial graduado, ampliada ainda mais no mundo contemporâneo com o desenvolvimento das comunicações radiofônicas (CÂMARA Jr, 2001, p.14).

Diante da afirmação, podemos evidenciar que a oralidade sempre foi de suma relevância para as sociedades, porém ganhando um grande avanço no mundo contemporâneo, com o uso dos meios de comunicação, como a TV, o rádio, os jornais, os quais são meios para transmitir mensagens através da fala, isso nos mostra também, que a oralidade não é somente saber falar, mas dominar todos os códigos e os jogos da fala como enfatiza o autor Câmara Jr (2001) e adequá-los às suas necessidades, assim percebemos o poder relevante da palavra, isto é, da fala:

Quem fala em público tem de atentar para o timbre da voz, para a altura da emissão vocal, para o complexo fenômeno que se chama entoação de frases, bem como saber jogar, adequadamente, com gestos do corpo, dos braços, das mãos e da fisionomia. Há aí uma enorme riqueza de recursos, que facilitam extraordinariamente a comunicação linguística, quando são bem empregados; mas, como toda riqueza, se podem transformar em pesadelo e danação. (CÂMARA JR 2001, p.15).

Desse modo, notamos que o autor reforça sobre a complexidade da oralidade bem desenvolvida, a oralidade não se resume somente ao falar, mas a oralidade consiste em dominar os conceitos linguísticos, aplicando-os adequadamente, ao realizar, por exemplo, com eficácia, um discurso oral em público, necessita atentar a uma série de fatores os quais fazem parte da expressão oral bem desenvolvida, e esses fatores vão muito além da fala, mas requer todo um conjunto de habilidades nos quais envolvem até os gestos corporais e expressões faciais.

Já na escrita, os gestos e as expressões são trocados pelos símbolos; sinais que são usados para exprimir suas ideias. A grafia assim como a fala são formas de comunicação criadas e desenvolvidas para facilitarem a interação dos seres

humanos. Antunes, (2003, p.60), por sua vez, ressalta que a “escrita, enquanto sistema de codificação é regido por convenções gráficas, oficialmente impostas”. Assim sendo, a escrita assim como a oralidade exprimem suas regras e padrões, que estipulam formas de como usá-las adequadamente, para com isso se obter êxito com o trabalho desenvolvido com os dois tipos de linguagem:

A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes se faz assim, e é uma conquista inteiramente possível a todos- mas é “uma conquista”, “uma aquisição”, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas com rasuras; inclusive aprendizagem. Exige tempo, afinal (ANTUNES, 2003, p.60).

Nesse contexto fica evidenciado que a escrita tanto como a oralidade têm suas particularidades, não se escreve de qualquer jeito, não é somente escrever, mas escrever conforme as regras gramaticais, e necessitando da orientação da Escola e família, para que aconteça a aquisição dos seus conhecimentos, e assim se consiga escrever com qualidade, sabendo redigir um texto, produzir, dissertações, redações, e tudo que esteja ligado à escrita. Para Marcushi (2010, p.26), a escrita seria um modelo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos).

E a oralidade na concepção de Marcushi (2010, p.25) “seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”.

Dessa forma notamos uma nítida diferença entre escrita e oralidade, embora as duas sejam para fins comunicativos, uma se comunica através da grafia e símbolos pictóricos, e a outra se comunica através da fala e audição, na qual mesmo sendo uma das formas de comunicação mais antigas das sociedades, ainda nos dias atuais a mesma continua mantendo seu papel de destaque na sociedade, assim nesse mesmo contexto, Marcushi (2010, p.24.) afirma, “é certo que a oralidade continua na moda. Parece que hoje descobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas”. Com isso fica claro que mesmo em tempos modernos e de povos letrados, a oralidade ainda se mantém viva na cultura e no modelo de comunicação das pessoas.

Ainda, segundo Marcushi (2010, p.27) há algumas divergências entre a fala e a escrita, ou seja, a oralidade e a escrita como podemos ver a seguir no Quadro II comparativo:

Quadro II

Divergências entre oralidade e escrita	
Linguagem oral	Linguagem escrita
Contextualizada.	Descontextualizada.
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não normatizada	Normatizada
Fragmentada	Completa

Desse modo notamos uma clara diferença entre a oralidade e a escrita, pois segundo Marcushi (2010) a fala pode ser improvisada no momento em que houver a necessidade de utilizá-la, e a escrita para acontecer à mesma necessita de planejamento, é contextualizada, é precisa e completa, e a fala, o ser humano fala de forma fragmentada e sem as normas cultas, mesmo que o mesmo esteja realizando um discurso ou uma palestra a fala ela não pode ser prevista ou planejada, ela acontece sem precisão, sem normas explícitas, a mesma flui de acordo com a necessidade de programá-la.

A fala acontece nos mais diferentes modos, lugares e ocasiões do dia a dia, nos momentos informais das nossas vidas. Já para acontecer a escrita, há a necessidade de planejá-la para que a mesma aconteça de forma coerente e completa, e ainda há a possibilidade de repensá-la, refazê-la concertando assim erros cometidos na escrita, já na oralidade, não há essa mesma possibilidade, pois ao falar não se pode voltar a trás, por isso o cuidado com a oralidade deve ser primordial em nossas vidas, pois palavras ditas não se pode concertar ou retomar de onde começou.

1.3. HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NA ORALIDADE

O desenvolvimento da fala inicia-se no seio familiar, logo que a criança passa a entender que a mãe está se comunicando com ela, a criança começa a expressar-se, mesmo que ainda não fale, mas os gestos do corpo, dos olhos, da boca, são expressões da fala, como afirma Marcuschi (2010 p. 18) “a fala (enquanto manifestação da prática oral), é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá o seu primeiro sorriso ao bebê”.

Com isso percebemos que a criança se comunica através dos gestos logo após vem à falae geralmente as primeiras palavras se aprendem no seio familiar; a família constrói com a criança a fala,essa criança ao adentrar a Escola, ela já se comunica com seus professores e colegas, daí em diante a mediação quanto ao desenvolvimento da oralidade passa a ser também responsabilidade da escola, avançando uma nova etapa; para que isso aconteça de forma eficaz, se faz necessária a mediação do professor, para obter um bom desempenho, pois, segundo Araújo (1965, p. 11), “o homem está na permanente dependência dos símbolos verbais e, por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é elemento essencial à sua perfeita realização na sociedade em que vive”.

Sendo assim nota-se que é fundamental que o professor promova aquisição desses conhecimentos sobre a oralidade, e que ele possibilite um ambiente adequado, adaptado a essas situações de comunicação, onde se desenvolva atividades voltadas para a temática, incentivando os alunos na construção do desenvolvimento da expressão oral, começando desde a Educação infantil, e reforçando mais ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, pois com o auxílio do professor, os alunos poderão desenvolver tanto o raciocínio lógico, o pensamento crítico, quanto a linguagem oral, facilitando assim seu relacionamento na sala de aula e na sociedade em geral, levando consigo seus aprendizados para toda a sua vida, pois é dever do professor mediar todo o conhecimento aos alunos.

Para que os alunos utilizem adequadamente a linguagem oral em qualquer repartição pública, em prol da resolução dos seus problemas, expressão dos seus sentimentos, exposição das suas ideias e comunicar-se com clareza e objetividade em qualquer idade, podendo levar para sua vida adulta esses conhecimentos adquiridos em sala de aula, começando desde cedo, é necessário ter o domínio da linguagem falada e a oralidade desenvolvida de forma adequada, pois, segundo Rojo (2010), se a criança fala, escreverá. Portanto ao desenvolver a

oralidade nos estudantes, desenvolverá também a escrita e conseqüentemente o letramento.

Nessa proposta, o professor poderá trabalhar com as fábulas, as histórias em quadrinhos, para fazer o conto e reconto usar a roda de conversa, para incentivar as crianças a contarem sobre seu dia, opinar sobre assuntos do seu conhecimento. A música também é uma boa aliada na questão do desenvolvimento da oralidade, pois os educandos interagem uns com os outros, já que a interação social possibilita o desenvolvimento oral, tornando-os mais desinibidos e comunicativos.

Como afirma Rojo (2010 p.) “[...] o modo como os papéis sociais, inscritos em cada fragmento de discurso, são gradualmente assumidos e organizados pela criança e que é deste processo que emerge a possibilidade de ela se conceber, a si e ao outro, como sujeito”.

De Lemos, (1986b: 244-245) deixa claro que o Estudante constrói suas práticas letradas e até seus conceitos sobre si com o trabalho realizado pelos professores em sala de aula.

Porém tudo isso que a escola compartilha dando ênfase a interação deve estar relacionado com o contexto social e cultural do Estudante, para que tenha significado para ele e promova um aprendizado significativo para interagir na sociedade na qual está inserido, como prever os Parâmetros Curriculares Nacionais, quando afirma que é direito do Educando saber se expressar nas diferentes situações referente à comunicação: “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”; (PCN – Língua Portuguesa, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais deixam de forma clara, quais são seus objetivos para o ensino fundamental, e um desses objetivos é o direito de desenvolver-se socialmente, de forma crítica, dominando a arte do diálogo, para com isso tornam-se cidadãos críticos, reflexivos, sabendo expressar-se de forma clara e compreensiva; pois a oralidade nos permite interagir na sociedade, expor nossas opiniões, questionamentos e expressar sentimentos, e para o Educando desenvolver sua oralidade com êxito, precisa que a família e a escola caminhem juntos nesse propósito, incentivando-os a crescer e desenvolver-se como cidadãos.

Ter o ensino da língua de qualidade nas escolas, tanto públicas como privadas é um direito assegurado por lei, assim como os “PCNS” também podemos

percorrer o manual da Declaração universal dos direitos linguísticos, nos quais nos vem afirmar (OLIVEIRA, 2003.p.19):

Considerando que a declaração universal dos direitos coletivos dos povos, Barcelona, maio de 1990, declara que todos os povos têm direito a expressar e a desenvolver sua cultura, sua língua e suas normas de organização e, para fazê-lo, têm direito de se munir das próprias estruturas políticas, educativas, de comunicação e de administração pública, em contextos políticos diferentes.

Dessa forma fica evidenciado o direito a fala, e a expressão, assim todos terão o domínio da sua língua e conseqüentemente terão uma oralidade desenvolvida que lhe auxiliará nos mais diversos contextos relacionados à expressão oral.

Assim, iremos à busca dos direitos dos nossos Educandos, quanto à construção dos seus conhecimentos, pois é um direito de cada um receber uma formação adequada às suas necessidades, quantos seres humanos inseridos na sociedade, e é dever do Estado promover esse acesso aos Educandos para a aquisição dos conhecimentos, e com isso formar uma sociedade letrada, crítica e reflexiva, que domine a oralidade nos seus diferentes contextos. Esse direito é previsto por lei, assim como nos mostra o RCNEI:

A aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (RCNEI. 1998 vol. 3, p. 120).

Desse modo percebemos o quanto a comunicação oral é significativa na relação do ser humano com a sociedade, pois a oralidade possibilita o diálogo entre os seres humanos, com isso poderão resolver qualquer situação referente à comunicação, desenvolver seu pensamento crítico, sua linguagem e a interação com o outro, ampliando seus conhecimentos a partir do convívio, da troca de ideias, do diálogo estabelecido com seus pares.

Assim, há a necessidade de a escola propiciar esse conhecimento e desenvolver uma boa prática a respeito do desenvolvimento da expressão oral na sala de aula. Para Dias (2001, p. 36), “Não se trata, simplesmente, de se ensinar a

criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações”.

Nesse contexto fica evidenciado que o desenvolvimento da oralidade, não está relacionado somente a falar, mas falar dentro dos parâmetros e conforme as regras previstas na questão da oralidade bem desenvolvida. Devido à extensão de diversos conteúdos propostos pelo sistema educacional, muitas vezes dificulta o trabalho do professor em sala de aula na questão do desenvolvimento da linguagem oral, mediando somente os conhecimentos escritos, e a leitura.

Entretanto não se pode esquecer que não adianta dominar a leitura e a escrita e não se expressar com eficácia, pois o ato de se expressar inicia-se com o desenvolvimento da expressão oral; ou seja, precisa-se promover no aluno o incentivo à oralidade dando-lhe oportunidade de comunicar-se em sala de aula, com seus colegas, professores e demais funcionários para assim obter um bom desempenho quanto o ato de comunicação.

Para Blikstein (2006, p. 20). “Não adianta escrever bonito e conforme as regrinhas gramaticais se a ideia que temos na cabeça não chegar aos outros”. Com isso fica perceptível, a relevância da linguagem oral na vida das pessoas, pois sem a mesma não se tem comunicação e não se faz entender o pronunciado que as pessoas querem compartilhar com as outras, precisa-se de clareza e objetividade para se transmitir uma notícia ou uma informação e só é possível se o sujeito expressá-lade forma coerente e clara, assim, notamos que a linguagem oral bem desenvolvida é um dos aspectos importantes na relação do ser humano com a sociedade, para um bom relacionamento e com isso exercer sua cidadania de forma justa.

De acordo com Kerbrat (2006), existem os turnos de fala, os quais são feitas divisões, e a fala torna-se um exercício na qual existe o emissor, aquele que emite o enunciado, e o receptor aquele que recebe a informação, para assim acontecer, a comunicação de forma que ambos se entendam. Para a autora:

O emissor, ele deve indicar que está falando com alguém pela orientação do corpo, pela direção do olhar ou pela produção de formas de tratamento; ele deve também prestar atenção aos tipos de “captadores” (tais como “hein”, “NE”, “sabe”, “você vê”, “digamos”, “vou te dizer”, “nem te conto” etc.), (Kerbrat, 2006, pg.9)

Percebemos com isso que a oralidade tem um conjunto de recursos que envolve, além da fala, os gestos corporais, o olhar, as formas de tratamento, dentre outros vários sinais nos quais contribuem para uma boa comunicação e assim uma oralidade bem desenvolvida, para assim acontecer o diálogo e entendimento entre emissor e receptor nos quais são os que falam e transmite a mensagem, e o receptor que recebe a mensagem e absorve para o seu entendimento, pois a fala é uma troca de mensagens nos quais, acontece a interação como afirma Kerbrat (2006):

O exercício da fala implica uma interação, ou seja, ao longo do desenrolar-se de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes aos quais chamaremos “Interact antes” exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas- falar é trocar, e mudar na troca (Kerbrat, 2006.p.8).

Diante da fala da autora, percebemos que a comunicação entre as pessoas, exige todo um direcionamento, ou seja, a comunicação não pode acontecer de forma aleatória, é necessária a compreensão de como se expressar, qual a hora, qual Tom de voz usar, entre muitos, tornando-se assim a fala um exercício de interação entre os indivíduos.

Porém,notamos ao longo dessa discussão que a oralidade, é algo que é construído desde os primeiros meses de vida, o aluno já adentra a escola,sabendo falar, daí em diante a escola tem o papel imprescindível de ajudá-lo no aprimoramento da expressão oral, para ajudar na interação desse indivíduo em sociedade, pois ele tendo uma oralidade bem desenvolvida, ele formulará suas ideias, opiniões e pensamentos, nos quais poderão ser expressos e partilhados através da oralidade, ou seja, da fala, pois o educando produz seus textos na memória repassam para o papel e logo expõe com o uso da oralidade, transformando assim suas vidas a partir do que vivenciou e aprendeu em uma prática conjunta, dentro da escola, assim ressalta Street, (2014), quando diz que “a organização do ambiente visual em si mesmo ajuda a construir, fornecendo-lhe um modelo, a relação da criança com a língua e com o mundo escrito. Nesse contexto, notamos que o autor ressalta a importância do ambiente, nos quais as crianças estão inseridas, para a aquisição dos seus conhecimentos.

Muitas vezes nos questionamos: será que o desenvolvimento da oralidade nas salas de aula tem surtido efeitos na vida dos educandos? Nos quais os possibilitem seexpressar, dialogar, discursar, transmitir uma mensagem com coesão, e da mesma forma compreender uma mensagem por quem está transmitindo? Ou será que os professores não dão a importância devida ao tema? O que descobriríamos se fossemos fazer uma pesquisa referente ao assunto aqui abordado? É preciso conviver em sala de aula para se ter uma boa resposta, e de fato entender o que acontece com o trabalho do desenvolvimento da oralidade, pois percebemos que muitas vezes se prioriza mais os conteúdos escritos do que a fala. Como afirma

Evidenciamos, assim, que a escola tem uma visão contrária à inserção do desenvolvimento da oralidade na sala de aula, e com isso acaba atribuindo a responsabilidade somente a família; e na escolase prioriza mais o trabalho das regras gramaticais, ortográficas e matemáticas, uma vez que o educando necessita desenvolver a oralidade, para assim desenvolver o raciocínio, o pensamento crítico e reflexivo, melhorar sua convivência nasociedade, seus posicionamentos afim de que não se omita como afirma Marcuschi (2001) (apud ANTUNES, (p.19 1937), quando diz que: “uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão ligados à vida de todos nós que nem precisa ser matéria de sala de aula”.

Esses fatores devem ser desenvolvidos para que não se tornem adultos passivos, repetidores de opiniões e expressões alheias, tendo dificuldades de socialização, e de interagir com seus pares, pois a sociedade exige situações em que o homem necessita se comunicar de forma coerente para obter sucesso, tanto profissional quanto pessoal, na resolução dos seus problemas.

1.4. ORALIDADES E OS LETRAMENTOS SOCIAIS

A oralidade é, sem dúvida,fundamental para as práticas da comunicação em sociedade, por isso o desenvolvimento da oralidade propicia ao homem uma interação melhor na comunidade existente, porém não quer dizer que não é necessário ser letrado para ter a oralidade desenvolvida. Pois segundo Brian Street, (2014) pode haver sim o letramento sem que haja escolarização, nas quais aldeias de povos não europeus, eram letrados sem a necessidade de estar na escola. “Na

aldeia da nova Guiné que Kulick e Stround estudaram, o letramento missionário foi incorporado às convenções locais de uso da língua, em vez de ser usado para os objetivos pretendidos pelos professores”.

Percebemos na fala do autor que desde os tempos passados, já havia letramento e não necessariamente a escola era responsável pela prática inserida na comunidade que eram os missionários que compartilhavam seus conhecimentos com os mesmos, a fim de disseminar o letramento na aldeia.

Brian Street ressalta ainda que: “o letramento, portanto, não precisa ser associado com escolarização ou com pedagogia”. Assim sendo, entendemos que o letramento, vai muito além dos conhecimentos literários, isto é, na leitura e na escrita.

O letramento consiste na aquisição dos conhecimentos gerais, conhecimentos de mundo nos quais o ser humano adquire ao longo da sua vida, seja na família, na comunidade, nas instituições sociais, ou na Escola e constrói seus significados, podendo usá-los em prol da sua vida inserida na sociedade na qual faz parte, podem perceber na fala de Marcushi (2010), quando o mesmo aborda sobre o letramento:

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. MARCUSHI, (2010, p.25).

Fica perceptível com isso que para ser letrado não é necessário fazer uso das formas cultas da língua, mas conseguir dominar conceitos que relevantes para o desenvolvimento do ser humano no seu dia a dia, o letramento consiste em compreender as práticas da leitura e da escrita sem necessariamente ser um grande intelectual nas suas áreas.

Dizemos que um indivíduo é letrado quando o mesmo dialoga, domina a informática, conhece seus direitos e deveres dentro da sociedade, domina a leitura e a escrita com eficácia e consegue fazer uso das mesmas na sociedade na qual atua, quando consegue através da linguagem falada promover um discurso oral com

perfeição e transcrever essa mesma linguagem falada para a escrita, e ao mesmo tempo decodificar os símbolos existentes na escrita, para assim haver uma interação social, e dominar todos os contextos sociais, seja relacionada a política, economia, Educação, saúde, infraestrutura dentre outras.

Desse modo podemos dizer que uma pessoa é letrada e assim obteremos a definição do termo letramento, pois o ser letrado ele consegue se sobressair na sociedade e atuar como integrante ativo da mesma notou na fala de Rojo, quando ela afirma,

[...] dos processos sociais de construção da linguagem- este objeto heteróclito: oral, gestual e escrita (nas sociedades letradas), que capacita o homem a conversar; a ordenar e mandar; a comunicar-se a distância ou ditar/ escrever inscrições em cavernas ou cartas; a registrar e fazer circular por escrito sua contabilidade, seus fatos, seu saber, seus afetos; a criar ficção e arte; a dar aulas ou dar uma palestra; a escrever os textos dessas aulas, ou palestras e, assim fazendo, fazer a ciência caminhar; a comunicar-se a muita, muitíssima distância, escrevendo e-mails ou participando de fóruns ou misturando escrita, imagem e som em links nunca dantes sonhados, em hipertextos, por meio desse maravilhoso campo de produção de linguagens que é o ambiente digital. (Rojo, 2010, pag. 46).

Desse modo percebemos que o letramento, possibilita ao ser humano participar da sociedade e fazer seus registros seja através da oralidade, como forma de contar suas histórias, levá-las de geração em geração, através da fala, e armazená-las na memória, também é possível manter suas histórias através da escrita com seus registros nas cartas, nos textos, na arte, ou usando a tecnologia, nos quais permite ao homem a comunicação virtual, assim o letramento faz parte da vida do homem, contribuindo para sua aquisição de conhecimentos. Ainda na perspectiva de Rojo. A mesma fala sobre a relação do letramento com a escrita:

O letramento está diretamente envolvido com linguagem escrita: este é um senso comum que compartilhamos. Entretanto, também esperamos que pessoas letradas falem fluentemente, uma definição de letramento, deverá reconhecê-lo, especialmente quando se estuda o desenvolvimento das habilidades da linguagem (ROJO, 2010, p. 54).

Nesse sentido, fica evidenciado que a escrita e a oralidade, fazem parte do letramento, sendo indissociável uma da outra para a aquisição do letramento, pois à medida que a criança desenvolve a linguagem oral, com o auxílio da família e logo após da Escola, a mesma desenvolverá a escrita, possibilitando a junção das

mesmas, sendo assim, do modo como a criança fala, ela escreve, tornando-se assim, mais um dos desafios da família e da escola, no aprimoramento da linguagem falada da criança, para assim a mesma desenvolver a escrita com eficácia.

Na concepção de Street, (2014. p.118) “A hipótese de boa parte da literatura educacional é a de que as famílias de classe média se alinham intimamente à prática e às concepções escolares acerca do letramento”. Percebemos que a família é parte fundamental no processo de aquisição dos conhecimentos literários, podendo auxiliar seus filhos, trabalhando juntamente com a Escola.

Street fala do letramento social como sendo uma relevante forma de inserção na sociedade, participando assim de todos os meios de comunicação existentes na sociedade, e tendo a possibilidade de se inserir, sentir-se parte integrante e fundamental da sociedade, lhe trazendo um sentimento de bem-estar e lhe proporcionando a autoestima e a valorização pessoal:

A autoconsciência sobre a língua e a elaboração de termos específicos para descrevê-la são vistas como parte do desenvolvimento cognitivo, levando ao pensamento crítico, ao desprendimento e à objetividade, e se considera óbvio que pôr a língua por escrito facilita esses processos. (OLSON, HILDYARD e TORRANCE, 1985. Apud STREET, 2014)

Diante desse contexto, percebe-se que há a necessidade de a Escola propiciar esse conhecimento sobre a língua, assim formando a autoconsciência sobre a mesma nos alunos no mesmo sentido para se conseguir um bom desempenho, quanto a aquisição do letramento, tanto a linguagem falada quanto a linguagem escrita são de forma indissociáveis uma da outra, obtendo assim a junção das duas, favorece o desempenho do letramento, pois com isso o aluno atrela seu conhecimento adquirido ao longo da vida, ao conhecimento pedagógico, ficando claro que o letramento não está relacionado somente aos conhecimentos existentes na escola, mas também a todas as áreas do conhecimento.

CAPÍTULO II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos são os caminhos percorridos durante a pesquisa; os passos dados por quem tomou para si a missão de ir à busca dos seus questionamentos, os quais foram tomando proporções ao longo da sua trajetória acadêmica, e vieram a se converter em um determinado problema, a ser o foco

principal do trabalho científico realizado. Para Creswell(2007. p.199): “quem desenvolve uma proposta precisa informar os passos que vai dar no estudo para verificar a precisão e credibilidade de seus resultados”. Assim, compreendemos que para chegarmos aos resultados que se busca, necessitamos organizar métodos e estratégias que nos possibilitem o resultado esperado. Segundo Gil (1999. p.26) o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos. Nesse sentido, notamos que é indispensável o método para sistematizar as atividades realizadas durante a pesquisa.

Diante da tarefa de realizar a pesquisa na escola, necessitou-se conhecer, participar das atividades realizadas na sala de aula, coletar as informações necessárias com o intuito de compreender como acontece o desenvolvimento da oralidade na referida sala de aula, para isso foram realizadas observações e análises sobre como é, e se é trabalhado o desenvolvimento da expressão oral com os educandos descrever como são trabalhadas as competências e habilidades na oralidade e por fim apresentar estratégias que possibilitem a comunicação oral dos educandos daquela sala de aula.

2.1. O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se na escola Beatriz Maranhão, na qual se localiza na cidade de Parintins, Estado do Amazonas, na Rua Pedro Ferreira Gonçalves nº 1886, bairro Raimundo Muniz, inscritos sobre o decreto-lei nº 90/99 – PGMP, tem como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Parintins – SEMED, sob a administração do Prefeito Frank Luiz da Cunha Garcia.

A Escola Beatriz Maranhão foi oficializada e inaugurada no dia 21 de março de 1989 pelo Exmo. Sr. Enéas, de Jesus Gonçalves Sobrinho, prefeito na época, funcionando como Escola da rede Estadual, atendendo alunos de 1º ao 4º ano série do ensino fundamental, funcionando em uma de suas dependências na secretaria municipal de Educação.

Recebeu este nome como uma forma de homenagear uma das mais ilustres professoras do ensino fundamental, Maria Beatriz Maranhão, (D/N: 27/05/1898-D/F: 18/12/1978), tendo como primeira gestora a professora Elza Barbosa Cardoso. De 1996 a 1998 a Escola foi desativada e passaram a funcionar diversas secretarias municipais, inclusive a secretaria municipal de Educação.

No ano de 1999, durante a gestão do prefeito Eraldo da Silva Maia este estabelecimento de ensino foi reativado, retomando com suas atividades escolares nas cinco salas de 1ª a 4ª série sob a direção da Julimar Bulcão Maia e nas demais dependências funcionaram departamentos da SEMED.

Em 2001, a escola foi reformada e novamente reinaugurada pelo prefeito Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho, teve como diretora a professora Clirley Glória de Lima até 2003, assumindo em seguida a professora Cecília Isabel Perez de Oliveira, até 2004, e logo após a professora Maria Aparecida Pereira da Silva assumiu o cargo até o final. No início de 2005 retorna ao cargo a professora Luci Cláudia, em seguida a professora Jucilene de Souza Cursino. Hoje em 2018 a escola está sob a gestão da professora Raimunda Mota da Costa.

Na administração do prefeito Carlos Alexandre a escola passou por uma pequena maquiagem na área interna e externa e foi reinaugurada no dia 02 de julho de 2014 com a participação de funcionários e a comunidade presente. As quais se fizeram adequações necessárias para a melhoria do ensino aprendizagem.

A Escola tem suas atividades realizadas nos turnos matutinos, vespertinos na qual atende ao ensino fundamental de 1º e 2º ciclos, e noturnos que atende à EJA, Educação de jovens e adultos; na pesquisa realizou-se uma observação por meio de participação direta na sala do 3º ano da Escola Beatriz Maranhão, com o intuito de compreender como acontecia o processo de desenvolvimento da oralidade naquela sala.

2.2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Como metodologia da pesquisa foi adotada a qualitativa, que segundo Creswell (2007.p.184): “A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimentos, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados”. Assim, a pesquisa qualitativa investiga o que de fato não está claro para os processos de transformações da sociedade. Dessa forma, a pesquisa qualitativa nos possibilitou uma melhor compreensão dos processos os quais envolvem os sujeitos e as suas práticas sociais refletidas dentro da sala de aula. Conforme Bortoni Ricardo (2008.p.49) a pesquisa qualitativa “é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam”.

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa nos fez perceber e refletir sobre as práticas rotineiras existentes nas salas de aula.

Como técnica de pesquisa utilizou-se a pesquisa bibliográfica, como forma de investigar, ir a fundo e buscar explicações coerentes, para, a partir daí solucionar o problema que está em questão, que é desenvolvimento da expressão oral. Segundo Lakatos (2003, p.183) a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

A finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. Assim a pesquisa bibliográfica nos possibilitou o levantamento dos dados para a base do nosso trabalho, pois buscávamos compreender como acontecia o desenvolvimento da expressão oral na sala de aula. Para esse fim foi preciso entender o que os autores já tinham pesquisado sobre a oralidade, e comparar se na sala de aula analisada, era trabalhada de forma coerente o desenvolvimento da expressão oral. Com isso conseguimos compreender que ainda há muitas divergências sobre a questão do que é proposto pelas leis, do que os teóricos dizem ser o certo, e o que realmente acontece dentro das salas de aula.

Foi realizada a pesquisa de campo, a qual se deu por meio da participação na sala de aula, com o intuito de observar, registrar e compreender o que de fato acontece na sala de aula, para assim obter os resultados esperados. Para Lakatos (2003, p.186) a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta”, ou ainda descobrir fenômenos ou as relações entre eles”. Dessa forma, a observação e pesquisa de campo nos possibilitaram a coleta dos dados e a compreensão de como é trabalhado o desenvolvimento da expressão oral na referida sala de aula, o que nos fez refletir sobre o que dizem os autores, sobre a oralidade, e entender que muitas vezes a escola trabalha certos assuntos escolares, mas de uma forma diferente e que não colabora na aquisição dos conhecimentos dos Estudantes.

Os instrumentos empregados na pesquisa nos possibilitaram colher os dados, analisá-los, e relacioná-los com os autores, para assim chegarmos a uma reflexão sobre o trabalho com a oralidade na sala de aula. Como técnica utilizou-se o questionário aberto, com perguntas à professora da sala, pois a professora se sentiu melhor usando o questionário, pois assim teria mais tempo para refletir sobre as perguntas e as respostas na qual nos deu; pois de acordo com Lakatos (2003.p.201) o questionário “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Assim as pessoas ficam mais à vontade ao responder o questionário do que dar uma entrevista. As perguntas feitas à professora no questionário se deram a partir de como ela realizava o trabalho sobre o desenvolvimento da oralidade com os educandos, a partir de quais teorias ela se baseava e quais as metodologias usadas na construção do seu trabalho.

A técnica de pesquisa com os educandos foi através do grupo focal. Dividimos a sala em três grupos, pois seria mais viável pelo fato de estarmos falando de oralidade. O grupo focal nos possibilitou um diálogo com os sujeitos, sendo que ainda contribuiu para a nossa pesquisa qualitativa, pois segundo Gomes (2005, p.4) a técnica utilizando o grupo focal abarca como um método designadamente para a pesquisa qualitativa. Assim o grupo focal contribuiu para a pesquisa qualitativa.

Fizemos três perguntas ao grupo focal, as mesmas perguntas foram feitas para os três grupos: 1- Quais eram os momentos que eles falavam na sala de aula, 2- Como eles se sentiam quando estavam falando na sala de aula, e por fim, 3- Quando eles estavam falando fora da Escola, como, por exemplo, na igreja, ou com outras pessoas, se eles se sentiam envergonhados, ou não. Assim deu-se a coleta de dados da referida pesquisa.

O método de abordagem escolhido para a pesquisa foi o dialético, por entender que o estudo pretende compreender os problemas dentro de uma totalidade no qual estão envolvidos na sala de aula. Segundo Frigoto (1987, p.77) “[...]o método está vinculado a uma concepção de realidade, de modo e de vida no seu conjunto”.

Assim percebemos que não podemos ver os problemas existentes na sala de aula, dissociados do contexto social dos educandos; e que a realidade está em constante mudança assim como ressalta Lakatos (2003):

Portanto, para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. (p. 101).

Assim fica claro conforme a autora que para a dialética as coisas estão sempre em constantes mudanças e para tudo há uma solução, podendo haver a transformação para a melhoria da sociedade.

A pesquisa foi realizada somente em uma sala de aula, tendo 25 sujeitos como colabores, a professora, com a qual foi utilizado o questionário e os Estudantes da sala, que foram divididos em três grupos focais, cada grupo contendo oito estudantes, nos quais demos nomes fictícios de super-heróis para preservar suas identidades.

Os critérios usados para a escolha do 3º ano do ensino fundamental foi por percebermos que era uma sala composta por estudantes comunicativos e falantes; então tivemos a curiosidade de saber se era trabalhado com eles o desenvolvimento da expressão oral. A escolha de trabalhar somente com uma sala de aula, se deu pelo fato de percebermos que trabalhar com uma sala de aula, nos possibilitaria uma melhor compreensão e teríamos mais tempo para analisá-la.

A sala de aula na qual foi realizada a pesquisa aconchegante, não há muitos cartazes na parede, somente os essenciais, como o alfabeto, os números, o alfabeto em libras, pelo fato de haver crianças com deficiência na sala, um calendário, carteiras e mesas, ar condicionado, ventilador, armários e um quadro branco.

Como forma de apresentar estratégias que venham contribuir com o desenvolvimento da expressão oral dos educando foi realizada uma oficina de contação de histórias. Foi narrada a história da Coelhinha Marrom, que é uma fábula. Desse modo, portanto, ocorreu o processo da coleta de dados da pesquisa.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. A COMUNICAÇÃO ORAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para compreender como é desenvolvido o trabalho para aperfeiçoar a oralidade dos alunos do 3º ano nos anos iniciais do ensino fundamental foram feitas

observações diretas no contexto onde os sujeitos participam como membros da comunidade escolar.

Nosso primeiro trabalho realizado na referida sala foi durante o estágio II, o qual trata da busca do conhecimento no contexto do ensino fundamental, o qual se iniciou em abril de 2018 e foi até junho de 2018, entre ações de observação e participação na escola. Nosso foco naquele momento não era desvendar como acontecia o trabalho do desenvolvimento da expressão oral com os estudantes, porém a partir da interação em sala de aula, notamos que os educandos eram divididos na questão do diálogo, ou seja, da comunicação. A divisão se dava no sentido de uns falarem muito a ponto de a professora necessitar repreendê-los a todo instante, enquanto outros eram muito calados. Dessa nossa percepção surgiu à curiosidade em saber se era trabalhado o desenvolvimento da expressão oral com os educandos, com essa dúvida finalizamos o referido estágio. Ao surgir à disciplina TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), nossa memória se voltou para aquele problema o qual presenciamos na turma do 3º ano da escola campo de estágio.

A pesquisa foi realizada com o intuito de compreender como acontecia a comunicação oral nos anos iniciais, especificamente em uma turma de 3º ano do ensino fundamental. Nessa realidade visávamos investigar e chegar a respostas plausíveis a respeito do assunto. Desse modo procuramos entender se diante de tantos conteúdos previstos para se trabalhar, o professor conseguia incluir o desenvolvimento da expressão oral no cotidiano escolar dos educandos.

Nessa perspectiva, começamos a nossa pesquisa para conhecer como que os teóricos que abordam a temática sobre o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno poderiam contribuir com nossas indagações. Logo em seguida, começamos a observação na sala de aula, na qual foi realizada a pesquisa, com os educando 3º ano do ensino fundamental.

Diante das observações feitas, percebemos que a professora usava em suas aulas, as histórias, a música que, segundo ela, seria um meio de desenvolver a expressão oral dos estudantes. Porém muitas vezes verificamos que as histórias eram geralmente contadas por ela e o exercício que proposto para as crianças era o relato, através do desenho, do recorte e colagem e o trabalho no qual seria de desenvolvimento da oralidade, segundo ela, geralmente faltava um direcionamento aos estudantes, por exemplo: ir à frente ler uma história. Entretanto somente iam

fazer a leitura com os lábios quase fechados, sem uma boa entonação de voz, sem olhar para os colegas, que eram os receptores naquele momento, pois de acordo com Kerbrat (2006), quem está transmitindo a mensagem é o emissor quem está recebendo a mensagem é o receptor.

Dessa forma, percebemos que o emissor em muitas vezes não se comunicava de forma clara com os receptores, lendo a história só por obrigação, com os olhos fitos no chão, esperando ansioso à hora de sentar em suas carteiras novamente.

A partir dessa percepção, que implementamos este estudo sobre o desenvolvimento da oralidade realizado naquela sala, que poderia ser em prol de um aperfeiçoamento sobre o qual Kerbrat (2006, p.09) explica quando afirma que o emissor seria o educando na frente da sala realizando a leitura para toda a turma, o qual “deve indicar que está falando com alguém pela orientação do corpo, pela direção do olhar ou pela produção de formas de tratamento”. Desse modo, fica claro que quando o professor apenas sugere a leitura aos Estudantes sem estimulá-los a terem esses comportamentos, no entanto ação fica somente a leitura sem objetivo, podendo causar muitas vezes até problemas emocionais nos Estudantes, pelo fato de não estarem preparados para esse tipo de trabalho que envolve a interação e a participação durante as aulas.

Percebemos isso, na fala dos integrantes do grupo focal I, ao qual denominamos de Homem Aranha, quando perguntamos para o grupo:

- **Pesquisadora:** “Como você se sente quando fala na sala de aula”?

- **Homem Aranha** (nove anos) com um olhar tímido respondeu: **“eu me sinto péssimo, parece que eu quero provocar”**

Percebemos a partir da fala do aluno que para ele é um momento de desespero ir à frente da sala de aula fazer uma leitura, e dessa forma fica claro que esse tipo de atividade não contribui para que eles desenvolvam sua expressão oral com qualidade.

Outro estudante nos responde:

- **Mulher maravilha** (nove anos): **“a professora ralha quando eu erro aí eu fico com vergonha por que todo mundo ri”**

Na fala deste notamos que os problemas ainda persistem na questão do medo, da vergonha, da falta de segurança, pois o exercício da leitura causa temor e medo, quando deveria causar prazer.

Mais um estudante nos diz:

- **Batman** (nove anos) **“as minhas pernas tremem, eu fico com uma tremedeira na barriga”**

Diante das respostas desses três educandos, ficamos nos perguntando, se elas condizem com as respostas dadas pela professora, quando a perguntamos como trabalhava a oralidade com as crianças, ela nos deu a seguinte resposta:

A oralidade, eu trabalho dessa maneira, assim a participação deles, é para ver se essas crianças estão participando de uma forma interativa, assim, a participação deles, de uma forma interativa onde todos possam interagir. Eu faço a leitura, depois eu faço a compreensão e a interpretação (DOCENTE COLABORADORA).

Assim compreendemos que havia divergências nas respostas. De acordo com Dias (2001, p. 36): “Não se trata, simplesmente, de se ensinar a criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações”. Era visível que o trabalho com a oralidade naquela sala necessitava ser mais específico. A professora dizendo que trabalhava o desenvolvimento da oralidade. Contudo, segundo Dias, se esse trabalho fosse realmente realizado de forma adequada, auxiliando os educandos a lidarem com as oralidades nas mais diversas situações comunicativas, os educandos não dariam as respostas acima que se sentia péssimo até querendo provocar.

Se a oralidade estivesse sendo desenvolvida conforme as regras que sugere Kerbrat (2006), quando diz que tem que deixar claro para o aluno como acontece as divisões dos turnos de fala, quem é o emissor, quem é o receptor, fazer da fala um exercício interativo entre todos na sala, estimulando-os a usar o corpo como forma de comunicação, ele se sentiria seguro e confiante para se expressar diante da sua turma.

Posto que sabemos como a comunicação é um relevante instrumento no processo de interação entre as pessoas, e por essa razão é indispensável que ela seja trabalhada de forma séria e competente na Escola, sendo desenvolvida desde que se adentra a Escola, na Educação infantil, não deixando de ser trabalhada nos anos seguintes. Quando a Escola valoriza esse trabalho, os estudantes têm a possibilidade de interagir melhor nas aulas, tornando a aula dinâmica e participativa,

onde a figura do professor não está centrada como o único falante. Ao contrário há um dinamismo de ambas as partes, gerando assim debates, diálogos e interações vocálicas, nos quais trarão bons resultados à aquisição dos assuntos estudados.

O professor precisa capacitar os Educandos a desenvolverem sua oralidade, pois ela possibilita se expressarem sobre qualquer assunto de forma prazerosa, não deixando o ser humano com medo, e com vergonha, mas o prazer de falar, de opinar que conseqüentemente resultará em um adulto participativo, comunicativo, o qual possa se sair bem em qualquer situação que envolva a fala, o diálogo, e a conversa sobre qualquer assunto.

Antunes (2003) diz que a oralidade deve ser orientada, pois assim pode colaborar com o desempenho dos vários tipos de gêneros de discursos orais, podendo facilitar o convívio social. A oralidade orientada pelo professor ajuda o Educando adquirir a coerência global, ou seja, um desempenho em todas as áreas referentes aos diversos tópicos ou subtópicos da interação.

Fica claro que o desenvolvimento da expressão oral possibilita o ser humano conviver melhor em sociedade, pois não é somente saber falar, ou pronunciar as palavras, mas saber se colocar de forma adequada, sabendo sair de uma conversa e, sobretudo, sabendo transmitir uma ideia, e compreender uma ideia recebida. Assim fica perceptível que para o Educando adquirir o desenvolvimento da expressão oral, necessita do auxílio e da orientação do professor, como muito bem destaca Antunes (2003):

A oralidade orientada possibilita ao Educando “reconhecer o papel da entonação, das pausas, e dos outros recursos suprasegmentais na construção do sentido do texto. Para “desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores (ANTUNES. 2003.p.104 105)

Notamos que a oralidade para ser desenvolvida necessita que o professor seja um orientador dos seus educandos e os auxiliem nas atividades as quais possam contribuir para esse desenvolvimento. Assim as crianças adquirem essa habilidade para se saírem bem em qualquer situação comunicativa, não importando o local, isto é, não se limitando somente à Escola, mas em qualquer local que seja necessário usar a fala para interagir com o outro.

Com base nas observações realizadas na sala de aula, percebemos que os Educandos não compreendem muito bem o que seja a oralidade, pois ao

perguntarmos ao grupo focal dois “o que seria oralidade para eles”, obtivemos várias respostas desconexas, tais como: Mulher Maravilha (nove anos) do grupo focal dois, “**oralidade é orar**” o Homem de Ferro (nove anos) do mesmo grupo focal, nos diz: “**oralidade é quando tem ora para tudo**” Hulk (nove anos) diz: “**oralidade é amar**”

Percebemos com isso, que as crianças formularam as respostas tendo suas próprias convicções, até imaginando o que seria a oralidade para eles, e a palavra oralidade ainda está um pouco distante de suas vivências. Muitas vezes a fala deles não é aproveitada como um instrumento que venha contribuir para o desenvolvimento da expressão oral, ficando aleatória a fala dentro da sala, pois todo diálogo é fruto de um determinado assunto; assim poderia ser trabalhado na Escola para que os educandos estivessem por dentro das definições do termo oralidade. De acordo com Antunes (2003), as aulas de português não são somente para estudar as regras gramaticais, mas também para fazer leituras dirigidas, abordar sobre temas relevantes do cotidiano dos estudantes. O professor pode usar textos reflexivos para iniciar uma discussão em sala de aula, dessa forma se tornará uma aula proveitosa em que se constroem a aquisição dos conhecimentos gramaticais e a noção de oralidade, destacando o que seja, para que serve, e quais passos seguir para conseguir uma oralidade bem desenvolvida.

Sabemos também que o desenvolvimento da expressão oral não se limita somente às aulas de língua portuguesa, pois o professor de qualquer disciplina pode trabalhar a oralidade com os educandos, à medida que os assuntos são expostos por ele, podendo desenvolver estratégias para que os assuntos sejam partilhados de forma que todos participem, por meio de conversas, debates e diálogos promovendo a participação de todos igualmente.

Analisando também as respostas dos estudantes, percebemos que eles têm uma visão distorcida do que seja falar na sala de aula, a fala para eles é como se fosse o momento que eles brincam, entre colegas. O momento de tirar uma gracinha com a professora, o momento em que eles gritam sem controle na sala, e a professora bate na mesa para eles pararem de falar. Percebemos na resposta de um integrante do grupo focal dois, quando perguntamos para eles:

- Pesquisadora: quais são os momentos que vocês falam na sala de aula? O **Incrível Hulk** (nove anos) do grupo focal dois, bem comunicativo, nos respondeu,

“só falo na hora do recreio, porque a professora ralha e na sala temos que ficar calados, só ouvindo ela, e copiando”.

Super Girl (nove anos) do grupo focal três disse: **“só quando fazemos leitura”** com isso notamos que a questão da fala na sala ainda é um tabu. O professor pode escolher os alunos que falam muito durante as aulas e desenvolver com eles atividades que possam usar as suas falas para desenvolver a expressão oral, orientando-os a usar a fala, nas mais diversas situações de conversações. Antunes (2003.p.104) diz que “a escola não pode deixar de dar essas orientações nem de explorar as expressões próprias de um comportamento lingüístico polido, se pretende desenvolver a competência comunicativa dos alunos”.

Mais uma vez Antunes reforça sobre a escola desenvolver as competências da expressão oral dos educandos.

Indagamos ao grupo focal três: “quando vocês falam em outros lugares fora da escola como vocês se sentem”? Nesse instante percebemos algumas divergências nas suas falas, **Xenna** (nove anos) responde: **“quando eu falo em outro local fico mais com medo ainda, Da vontade de sair correndo”**. **Super Man** (9 anos) nos diz **“eu fico feliz parece que tô livre”**

Nesse momento notamos que para alguns, falar é como se fosse um castigo, no qual lhes fazem muito mal, para outros, falar fora da sala de aula é como se eles estivessem livres, e a sala de aula representasse um lugar de medo e opressão. Não compreendem a fala como um exercício vocálico como enfatiza Kerbrat (2006 p.8) quando diz que “o exercício da fala implica uma interação”.

Desse modo, a fala é um exercício que resulta na interação, para ser prazerosa à criança, é necessário que faça sentido para ela, sendo na escola ou em outro ambiente. Ao analisarmos a fala de Antunes (2003) e a fala do estudante notamos que ele não percebe a fala como um exercício, mas como algo que lhe cause temor e medo, algo que seja errado fazer dentro da sala de aula, que tem que fazer às escondidas, por muitas vezes serem omitidos de falarem. Se o desenvolvimento da expressão oral for trabalhado com os estudantes desde cedo, eles saberão discernir o momento de executar cada fala, que está relacionada com as aulas e as discussões sobre os temas relevantes dos conteúdos, e as falas

paralelas, de interações produtivas com seus colegas, podendo assim usá-las cada uma em seu devido tempo e lugar, sem que haja desordem durante as aulas.

3.2. AS COMPETÊNCIAS E AS HABILIDADES NA EXPRESSÃO ORAL DOS EDUCANDOS

As nossas observações, interações e indagações nos possibilitaram compreender como era realizado o trabalho para desenvolver as competências e habilidades desenvolvidas pela professora, observando e participando durante um mês e meio das aulas. A única estratégia referente à língua que presenciamos, foram as leituras feitas, especificamente de histórias, mais pela professora, do que pelas crianças.

Após as leituras, em algumas vezes, ela perguntava o que eles tinham compreendido sobre a história, sendo que nem todos respondiam as perguntas. Aqueles que falavam pouco, ou nem falavam durante as aulas continuavam quietos, sem a indagação da professora, contentando-se apenas com as respostas daqueles que se expressavam por si próprios.

Em nossa observação notamos um educando que não falava nem sequer uma palavra durante as aulas, um garoto muito desenvolvido, competente em suas atividades escritas. Mas a professora nunca fez uma avaliação oral com ele, pois desde que chegou à escola, nunca falou nenhuma palavra; e ao longo de todo o ano, não houve nenhum trabalho realizado com ele para saber o porquê ele não falava já que foi comprovado que ele não é surdo, pois se comunica na sua casa. E referente aos trabalhos realizados pela professora, como ela relata, este aluno nunca participou, e não houve uma preocupação da parte dela para reverter essa situação.

Assim nos questionamos pelo trabalho de desenvolvimento das habilidades e competências da oralidade, que a professora nos relatou desenvolver naquela sala de aula? Ou será que o trabalho é somente a leitura das histórias? Não irá haver o trabalho com os educandos para que eles desenvolvam essas habilidades e competências? Pensamos dessa maneira, pois a professora nos deu a seguinte resposta quando respondeu ao nosso questionário. A pergunta sobre como ela trabalhava o desenvolvimento e competências da oralidade com os educandos.

Professora. ***“Eu trabalho com a participação deles, de uma forma interativa, onde todos participem das leituras, produção de texto, recorte e colagem”***.

Dessa forma notamos que sua fala diverge da realidade, pois nem todos participam e o recorte e colagem, não supre as atividades que possam realmente contribuir para que aconteça o desenvolvimento das habilidades e competências da oralidade. Para se adquirir essas habilidades e competências são necessárias se trabalhar com os educandos, lhes apresentando todos os tópicos os quais compõem essas habilidades, podendo trabalhar as conversações, que se organizam em turnos de falas.

Dessa forma seria trabalhar apresentando aos estudantes como acontecem essas interações, como ressalta Kerbrat (2006) havendo à hora de falar e à hora de ouvir, como e quando interagir com o outro, no ato da conversa; posicionar-se, retirar-se de uma conversa, se enunciar em uma conversa, ceder à vez ao outro dentro da conversa, não somente com a fala, mas também com os gestos corporais, olhares, entonação de voz, deixar claro que um participante não pode tomar o turno do outro, não haver a superposição das vozes, dentre outras formas.

Como afirma Koch (2010), a conversação se organiza em turnos, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação. Mas para que essas habilidades sejam desenvolvidas com os educandos, é preciso o trabalho de interação, rodas de conversas, diálogos, havendo um direcionamento por parte do professor, para assim obter resultados. Percebemos na fala de Kerbrat (2006), a qual está referenciado o presente trabalho, que o exercício da fala implica uma interação, ou seja, ao longo do desenrolar-se de uma troca comunicativa [..]. Nesse sentido, assim como ressalta a autora, é necessário promover atividades que realmente possam contribuir para o desenvolvimento da oralidade, pensando na interação e participação de todos igualmente.

O trabalho ao qual a professora se refere é somente às leituras de histórias, o recorte e colagem, não se trabalhando realmente o desenvolvimento das habilidades e competências. A entrevista com os estudantes nos possibilitou compreender que eles não assimilam a questão dos turnos de fala e da superposição das vozes, pois ao se fazer uma pergunta, todos queriam responder ao mesmo tempo, havendo dificuldade de ceder à vez ao outro, falando com as vozes altas, sem uma entonação adequada; e quando pergunto ao grupo focal três como eles se sentem

quando estão falando na sala de aula, **Batgirl** (nove anos) nos deu a seguinte resposta: “***Quando eu tenho que falar na sala, às vezes eu fico tão nervosa que vou para minha mesa chorar***”.

Percebemos que as respostas são de traumas, são de momentos de tensão, os quais deixaram lembranças ruins para aqueles educandos. O aprendizado é de suma importância para que as crianças desenvolvam suas habilidades orais, suas competências linguísticas, durante as conversações, sejam informais, familiar, ou formal como palestras e até mesmo entrevistas de emprego. Todavia as habilidades não estão sendo desenvolvidas, e sim uma mera reprodução de falas através da leitura de contos e fábulas.

As competências e habilidades na oralidade deverão ser adquiridas ao longo de toda a trajetória escolar, iniciando-se na Educação infantil e percorrendo as outras etapas do ensino. Para desenvolver o processo da oralidade, nas crianças é necessário que seja trabalhado o desenvolvimento da expressão oral, de acordo com as normas estabelecidas nas leis nos quais podemos citar RCNEI que prever os direitos as crianças da Educação infantil, estimulando a aprendizagem oral e os PCN de língua portuguesa para o ensino fundamental os quais asseguram o direito das crianças desenvolverem suas competências comunicativas posicionando-se de maneira crítica e reflexiva em qualquer contexto comunicativo.

Fica claro que a escola tem o dever de promover a comunicação aos estudantes para tornarem-se integrantes atuantes na sociedade, possibilitando-lhes o direito à fala, o direito a expressar-se, de forma coerente, e posicionar-se como cidadão reflexivo. Corroborando com o nosso pensamento está Oliveira (2006) quando ressalta que “os direitos lingüísticos fazem parte dos direitos humanos fundamentais, tanto individuais como coletivos, e se sustentam nos princípios universais da dignidade dos humanos e da igualdade formal de todas as línguas”.

Dessa forma, fica claro que o ser humano tem o direito à fala, direito esse, assegurado por lei, deve ser um dos conteúdos trabalhados pelo professor. Assim os estudantes podem desenvolver suas habilidades lingüísticas, e sua oralidade pode ser trabalhada na sala de aula auxiliando-lhes em todos os contextos comunicativos e em qualquer situação.

Para Antunes (2003) a escola não pode deixar de dar essas orientações nem de explorar as expressões próprias de um comportamento lingüístico polido se pretende desenvolver a competência comunicativa dos alunos. Nessa perspectiva, fica evidente que é dever da escola realizar o trabalho do desenvolvimento das competências orais e lingüísticas com todos os estudantes, mas o que percebemos é que esse trabalho em muitos casos fica incompleto, outras vezes acaba nem sendo realizado.

Em nosso questionário podemos coletar muitas informações e relacionar com nossas observações. A professora ao responder a pergunta sobre “qual dificuldade ela encontrava no trabalho com a oralidade, ela nos dá a seguinte resposta,” ***a maior dificuldade que eu encontro para realizar esse trabalho com eles, é a falta de materiais pedagógicos para se trabalhar e isso dificulta o trabalho com a oralidade”***.

Diante da resposta analisamos: será preciso obter materiais pedagógicos para se realizar o trabalho de desenvolvimento da expressão oral? Notamos que há bastantes livros de contos, e histórias na sala. E ela mesma nos relatou que trabalhava a leitura dessas histórias, e mesmo que não houvesse poderia se produzir livros de histórias até com a participação dos alunos para se trabalhar o conto e reconto com eles. As oficinas que realizamos na sala, utilizaram um livro confeccionado com restos de matérias que aproveitamos como EVA, figuras etc. que foi uma fábula. “a Coelhinha Marrom” foi feito na disciplina de metodologia da alfabetização, no ano de 2017, proposto pela professora MSC. Gyane Karol Santana Leal, tendo como autora eu Rizalva Monteiro Matos, ilustradora Rizalva Monteiro Matos.

Utilizamos o livro para trabalharmos a oficina com os estudantes, o qual foi nosso 3º objetivo, apresentar uma estratégia de como trabalhar o desenvolvimento da expressão oral. Dessa forma fica claro que é possível trabalhar de forma que haja a interação de todos, sem necessariamente a escola disponibilizar materiais pedagógicos. Seria possível a professora trabalhar as regras, os turnos das falas, fazendo as crianças compreenderem que não é somente ler a história, mas ter o domínio de leitura, entender e compartilhar a ideia com os colegas de sala e a professora, e assim perderem o medo de se expressar e se comunicar, promovendo assim o desenvolvimento das habilidades e das competências da oralidade. Blikstein

(2006.p.20) diz que “não adianta escrever bonito e conforme as regrinhas gramaticais, se a ideia que temos não chegar à cabeça dos outros”.

Assim, fica evidente que a escola pode mediar os conhecimentos do desenvolvimento da expressão oral com todos os estudantes assim eles poderão formular suas ideias, conseguindo transmiti-las com objetivo possibilitando seus receptores compreenderem e assim acontecer de fato a interação entre eles, e não havendo o medo de falar, por vergonha, repressão ou qualquer outro tipo de constrangimento.

Nesse sentido o professor necessitará realizar o trabalho do desenvolvimento da expressão oral, para que, ao concluírem o ensino fundamental, os estudantes possam ter construído pelo menos a ideia de como ir á frente na sua sala de aula, se expressar e não ficar nervosos e assim não atrapalhar o rendimento escolar por falta de comunicação, conseguindo interagir com todos a sua volta, não somente na escola, mas levando esses conhecimentos das habilidades, das competências do desenvolvimento da oralidade para sua vida social, tornando-se um cidadão que se relacione de forma interativa seja em qualquer lugar e qualquer ocasião que necessite a comunicação e expressão dessa forma os estudantes terão a oportunidade de desenvolver suas habilidades e competências da expressão oral, lhe sendo útil no decorrer de suas vidas.

3.3. ESTRATÉGIAS PARA POSSIBILITAR O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL

Durante nossa estadia na sala de aula, tivemos a oportunidade de contribuir com as atividades realizadas, sob o consentimento e orientação da professora da sala a qual nos recebeu de braços abertos.

Aplicamos uma oficina (**Figura 1, 2, 3, 4 – APÊNDICE A**) que nos possibilitou trabalhar com os estudantes o desenvolvimento da oralidade. Primeiramente contamos uma história para eles, do gênero fábula, da autoria da pesquisadora, Matos e Leal (2016) que nos oportunizou a leitura com eles, o reconto da fábula e nos fez perceber que os estudantes eram tímidos, nervosos e inseguros na hora de ir à frente fazer a leitura, ou dar sua opinião sobre a leitura dos colegas.

Para realizarmos a atividade com os estudantes se fez necessário dividirmos a turma em grupos, ficando quatro grupos de seis estudantes, pois nesse dia, dos vinte e oito estudantes, só foram vinte e quatro e assim fizemos a apresentação da fábula para eles. Ao contarmos a história da coelhinha Marrom, seus olhos ficaram fitos em nossa pessoa, chegando seus olhinhos brilharem de tanta curiosidade, quase não se ouvia barulho na sala, os falantes ficaram bem atentos a fim de compreenderem o que dizia a fábula.

Logo após realizamos uma interpretação oral com eles, indagando o que compreenderam sobre a história, houve todo um direcionamento de como eles dariam as respostas. Fazíamos a pergunta, logo após, o que soubesse e quisesse responder, levantaria a mão para indicar que queria se pronunciar. Após sua resposta, era cedida a vez ao colega integrante do mesmo grupo, a também dar uma resposta, ou contribuir concordando ou discordando da resposta do colega, sendo que toda conversa sempre relacionada ao tema da história. Assim eles conversavam entre si, discutindo o que compreenderam, o que o outro pensava a respeito, se ambos concordavam com as ideias dos colegas, havendo um diálogo participativo e interativo entre ambos.

O que foi mais difícil de controlá-los foi quanto à vez de ceder à voz ao outro. A maioria queria falar sozinho, sem deixar o colega se expressar, e quanto à altura das vozes; uns falando muito alto, e outros muito baixos, a maioria por estarem acostumados a falar muito alto. Foi difícil manter uma boa entonação de voz durante o debate, também existindo os que falavam muito baixo, por vergonha ou medo de expressar e serem ridicularizados pelos colegas. Em seguida foi proposto que eles fizessem o reconto da fábula através de um desenho, conforme o entendimento deles. Ao terminarem os desenhos, sugerimos que eles fizessem a leitura dos recontos na frente da sala. A princípio uns ficaram envergonhados, mas ao verem os colegas indo, aos poucos foram perdendo o medo.

Assim conseguimos que mais da metade da sala fizesse a leitura dos seus recontos. Percebíamos que ao falar na frente da sala para todos, alguns se encontravam tímidos e muitas vezes não conseguiam olhar para os colegas e professores, mas não deixamos de mediar o direcionamento quanto à questão da boa entonação da voz, os gestos corporais, o olhar que deveria ser reto e fixo no público, estimulando-os a realizarem uma troca comunicativa com os colegas no momento de suas leituras.

Percebemos com esse exercício que as crianças gostaram de se expressar oralmente, aparentando estarem felizes. Um estudante do grupo focal 3 **Homem de ferro** (9 anos) disse: ***“quando eu tava em casa eu tava enjoado, agora aqui eu to muito feliz, professora vamos brincar assim amanhã”?***

Notamos que para eles o exercício realizado a partir da fábula da “coelhinha Marrom”, poderia ser uma proposta que a professora viesse realizar com eles, para promover o desenvolvimento da expressão oral. A oficina resultou em uma atividade interativa, participativa e divertida, pois os estudantes se mostraram felizes; contribuíram com as atividades propostas por nós e perderam o medo de falar com objetividade; entenderam que a fala serve para nos comunicarmos uns com os outros para o nosso bem, e que não devemos ter medo de falar, desde que seja uma fala que não vá atrapalhar a aula, que não vá prejudicar o colega e que venha contribuir para o aprendizado dentro do ambiente escolar.

Não foi muito fácil nossa aula nesse dia com os estudantes. Tivemos um trabalho bastante extenso com eles, mas diante de todas essas dificuldades, realizamos um proveitoso trabalho com eles, orientando nas divisões dos turnos de fala, respeitando a vez do outro, usando os gestos corporais como indicadores de fala, e se comunicando também pelo olhar. Com esse exercício, percebemos que a interação entre eles passou a não ser mais um ato de medo, mas um ato de prazer, e os possibilitou compreender muito melhor a história depois do diálogo entre eles, pois esse exercício facilita a compreensão. Antunes (2003), diz que “a leitura deixaria de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social”.

Dessa forma compreendemos que o trabalho com a leitura vai muito além de decodificar símbolos, mas permite o educando relacionar o seu aprendizado da

leitura com a interpretação dos fatos, podendo interagir com seus pares, tanto na sala de aula, como em qualquer outro local. Essa interação será espontânea e prazerosa, não havendo medo ou receio de falar sobre os temas abordados nos diálogos.

Os estudantes realizaram o reconto da história através do desenho, pois percebemos que o desenho para eles era uma forma prazerosa de realizar atividades, já que a professora trabalhava muito o desenho com eles. Em seguida foi proposto que cada um fizesse o reconto da sua história diante de todos na sala, porém não foram todos que se disponibilizaram a ir à frente ler suas histórias, pois o trabalho de desenvolvimento das competências e habilidades da oralidade foi realizado muito pouco com eles, sendo trabalhada essa oficina somente uma vez.

No entanto, diante do trabalho feito durante essa aula, notamos que surtiu efeito, pois por mais que nem todos tenham ido contar sua história na frente, os que foram fizeram a sua leitura, de forma prazerosa, sem medos, lendo como se estivessem transmitindo uma mensagem importante e os outros que os assistiam, recebiam a mensagem tendo toda uma compreensão do que se estava sendo transmitido.

Dessa forma ficamos satisfeitos, com o resultado de nossos objetivos e com a certeza de que cada estudante é capaz de desenvolver suas competências e habilidades da oralidade, podendo adquirir seus conceitos a partir do trabalho realizado em sala de aula. Ficou evidenciado que para o ser humano adquirir uma oralidade bem desenvolvida, necessita do apoio da escola, e do direcionamento do professor, pois assim o educando pode vincular seus conhecimentos obtidos no seio familiar, aos conhecimentos construídos na escola, haja vista que a interação social é de suma relevância para o desenvolvimento dos estudantes enquanto crianças, assim como enfatiza Vygotsky (1987) (apud Rojo 2010) quando diz que “no desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e mais tarde, no nível individual”.

Assim se comprova que a criança necessita da interação com o outro, para com isso conseguir seu desenvolvimento no primeiro nível, o qual é o social; e mais tarde o desenvolvimento individual, que o auxiliará na construção da sua aprendizagem significativa. Dessa forma, a criança pode se relacionar com o outro de modo produtivo, tendo suas habilidades lingüísticas e orais bem desenvolvidas.

Podem também, inserir-se no meio social em que vive de forma completa, sem deixar de ser participativo, atuante, colaborativo nas atividades do seu grupo social, e exercendo seu papel de cidadão, e usando a oralidade para lhe auxiliar no seu no seu convívio social e comunicativo.

3.4. SÍNTESE: O TRABALHO DO DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL

Diante do nosso anseio de compreender como acontecia o desenvolvimento da expressão oral nos anos iniciais, ou seja, se realmente eram trabalhados os conteúdos propostos pelas leis de ensino e pelo currículo escolar, realizamos a referida pesquisa. O primeiro objetivo nos possibilitou analisar como eram feitos os trabalhos em sala de aula, quais atividades eram realizadas para desenvolver a expressão oral nos estudantes, e se era feito de forma que alcançasse todos os objetivos propostos.

Com a finalidade de compreender como era desenvolvido o trabalho com a oralidade naquela sala de aula, realizamos a pesquisa, a partir das observações, e comparando o que seria proposto pelos autores nos quais fundamentaram a nossa pesquisa sobre o desenvolvimento da oralidade, e o trabalho realizado na sala de aula, com os estudantes, a partir do direcionamento da professora.

A nossa observação nos fez perceber que a comunicação oral na referida sala de aula, ainda não foi trabalhada de forma adequada, pois ficou evidente com as crianças que ali estudam, que a definição de oralidade, de seus objetivos, para que serve a fala, como usá-la nas interações comunicativas, dentre muitos outros tópicos, pois percebemos que o direcionamento da professora quanto à questão da fala, ainda não desenvolveu estas práticas.

Constatamos que o trabalho que a professora diz realizar com a turma, sobre o desenvolvimento da expressão oral é realizado usando somente as leituras e interpretação de textos. Muitas vezes essas interpretações são feitas através de desenhos, recorte e colagem, como muito bem enfatizou a professora: ***“eu trabalho muito com eles o desenho, e o recorte e colagem, isso ajuda muito a se expressá-los”***

Dessa forma, ela trabalha o desenho, porém depois do desenho, nem todos os estudantes interagem, fazendo o reconto dessas histórias desenhadas por eles.

Quando ela propõe o reconto das histórias, a minoria se disponibiliza ir à frente da sala, havendo aqueles que não querem ir ou nem falam durante as suas aulas, ficando por isso mesmo, esquecido em suas carteiras, sem serem percebidos por ela naquele momento, o qual seria de interação, como enfatizou a mesma.

Por outro lado não se viu serem trabalhadas as competências e as habilidades da expressão oral na sala de aula, pois para o educando adquirir as competências e habilidades na oralidade, necessita do direcionamento do professor, do auxílio do mesmo em todos os aspectos, orientando-o como se expressar nas falas informais no dia-a-dia e nas falas formais, para que o desenvolvimento ultrapasse os muros da escola, e os estudantes possam se comunicar com clareza em qualquer situação de suas vidas.

Compreendemos que ainda há muitas divergências entre os depoimentos da professora, a fala dos estudantes e a realidade observada em sala de aula, pois o trabalho de desenvolvimento da oralidade, não deve ser feito apenas com alguns estudantes, somente com aqueles que já se expressam por si mesmos, pois muitas vezes já trazem de casa esses hábitos de falar com clareza, mas é necessário trabalhar com todos igualmente. A maioria não se expressa, tem vergonha de falar em público, e por não se manifestarem durante as aulas ficam esquecidos, não são percebidos e não desenvolvem o processo da oralidade.

Notamos que na sala onde foi realizada a pesquisa, há uma criança que não fala não se comunica oralmente com os colegas, nem com a professora, somente através da escrita, porém ele não tem nenhum problema auditivo. Fora da escola ele se comunica normalmente através da fala. A escola parece ser um lugar de medo Ele se cala e se fecha em seu mundo. Esse fato nos preocupou: a questão daquele estudante não falar, e a professora achar normal. Desde o início do ano letivo até agora nenhum trabalho foi realizado para que essa situação se revertesse. Quando indagamos à professora o que fazer com aquele educando, como avaliá-lo na questão da oralidade ela nos diz: “***não posso fazer nada, ele não fala aqui na escola, mas sua mãe disse que em sua casa ele fala, e eu não posso obrigá-lo a falar***”.

Dessa forma nos perguntamos, se ela não poderia trabalhar as competências e habilidades com ele; procurar estratégias para se desenvolver a expressão oral, assim como destaca Vygotsky (1987) (*apud* Rojo, 2010) que o

desenvolvimento cultural e comunicativo da criança acontece duas vezes, no individual e no social. A comunicação da criança deve ser orientada pelo professor, para que esse primeiro nível seja construído com eficácia e que o segundo nível que é o social, o educando não tenha dificuldade de construí-lo.

Mas o que percebemos é que na sala de aula, há uma barreira muito grande em relação à fala, pois há os que têm muito medo de falar, de se expressar, de se comunicar, e os que falam demasiadamente sem controle ou direcionamento. Percebe-se que há necessidade de um trabalho específico na questão do desenvolvimento da oralidade, para que todos possam adquirir as habilidades e competências para se obter uma oralidade bem desenvolvida.

Nesse sentido, fica claro que o professor deve propiciar atividades que possam contribuir para o desenvolvimento da expressão oral, em todas as disciplinas estudadas na escola, ele necessita ter uma oralidade bem desenvolvida, para se comunicar de forma clara e objetiva; dessa forma, se faz necessário que o professor utilize estratégias para possibilitar o desenvolvimento da expressão oral, buscando atividades que possam contribuir para esse desenvolvimento. Para Skinner (1957) (*apud* FINGER (2013)) “cada ato de fala, é uma consequência inevitável do ambiente do falante e de sua história sensorial e comportamental”.

Observamos que a professora usava muito o recorte e colagem como ela mesma nos relatou, para os estudantes fazerem os recontos de suas histórias.

- Pesquisadora: ***quais estratégias a senhora utilizam para trabalhar o desenvolvimento da expressão oral com os educandos?***

- Docente colaboradora: ***“eu trabalho muito a interpretação de texto com eles, das histórias contadas aqui na sala, e trabalho o recorte e colagem com eles, isso ajuda muito”.***

Diante da resposta da professora, percebemos que o recorte e colagem ajudam sim, mas para desenvolver outras habilidades como a coordenação motora, o raciocínio, a percepção, dentre outras. Mas a oralidade não será contemplada com essas atividades, pois para ela ser desenvolvida, necessita da utilização da fala, da comunicação verbal aliada à comunicação corporal, gestual. Para que isso aconteça o desenvolvimento da expressão oral, em que o estudante poderá interagir na escola e na sociedade, podendo dialogar sobre os assuntos relacionados às

histórias as quais são contadas na sala, e possa dar sua opinião, ter ideias formadas sobre os assuntos abordados referentes às aulas.

Os teóricos que fundamentam este estudo apontam que tudo isso aconteça e os estudantes desenvolvam a expressão oral com eficácia, deverá acontecer um trabalho efetivo com eles, possibilitando a compreensão do que seja oralidade, trabalhando as competências e habilidades de modo que venha ser relevante e possa haver o desenvolvimento real. Podem-se trabalhar os contos e as histórias, mas no momento do reconto, faz-se necessário que os incentivem a participar oralmente, mesmo que façam o reconto através do desenho, mas que esse desenho seja compartilhado oralmente por eles, e que possam socializar esse reconto com seus colegas, podendo tanto opinar, quanto ouvir opiniões.

Sendo assim gradativamente ocorrerá o desenvolvimento da expressão oral dos estudantes. Esse trabalho não deverá ficar restrito somente nas aulas de língua portuguesa, mas por professor de outras áreas do conhecimento, também poderá trabalhar os seus conteúdos abrindo espaço para o diálogo, para os debates. Ele poderá realizar trabalhos em grupinhos dentro da sala, para que desse modo todos trabalhem em conjunto desenvolvendo a expressão oral dentro da sala de aula. Assim a escola formará cidadãos críticos, reflexivos e dialógicos que saibam se expressar em qualquer ocasião, em qualquer contexto comunicativo, de suas vidas, que não seja somente restrito a escola ou sala de aula, mas possam desenvolver sua expressão oral para sua vida fora da escola, e possa se tornar um incentivador do desenvolvimento da expressão oral para outras pessoas, pela sua maneira de comunicação, expressão, e postura no momento de falar na sociedade. Para Freire (1987.p.45) “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Assim o professor poderá trabalhar com os estudantes atividades que venham contribuir para que aconteça o diálogo entre eles, pois assim como ressalta Freire (1987) o diálogo possibilita a interação entre os seres humanos e a escola é um ambiente propício para que aconteçam essas interações.

Assim percebemos que o ambiente influencia de maneira produtiva ou não, para que o estudante possa falar de forma adequada, e possa desenvolver suas habilidades orais. É importante o auxílio pelo professor para se conseguir essas habilidades. O docente precisa estar em contato com cada um dos seus alunos

observando seus comportamentos, buscando estratégias as quais possibilitem fortalecer o seu trabalho no desenvolvendo das habilidades e das competências da oralidade dos estudantes.

Dessa forma compreendemos que a interação social na sala de aula ainda necessita de um trabalho mais específico, pois assim contribuirá para o desenvolvimento comunicativo dos estudantes. A interação precisa ser feita com um objetivo e direcionada pelo professor, para haver significado, Marcuschi (2010) diz que “um exemplo de sala de aula, onde a mediação da palavra falada e a implicação na situação de produção são fundamentais [...]”.

Dessa forma refletimos que a mediação em sala de aula é de suma relevância para o desenvolvimento dos educandos, seja em qualquer área de suas habilidades; possibilitará o desenvolvimento da expressão oral, ajudando aos estudantes desenvolverem suas expressões orais interagindo no momento da fala e desenvolvam suas habilidades e competências dentro do campo lingüístico.

Pelo exposto, com ações interativas os alunos poderão adquirir de fato uma linguagem comunicativa que possa lhes auxiliar nas situações comunicativas de suas vidas podendo de fato construir os conceitos sobre a oralidade. Os assuntos mediados pelos professores deverão se converter em ideias criativas, pensamentos positivos e os traumas que advinham do medo de falar do medo de se expressarem, do medo de serem repreendidos e ridicularizados por colegas e até mesmo certas vezes por seus próprios professores, venham não existir mais e, assim, se tornem cidadãos que reconheçam o valor da oralidade bem desenvolvida para sua vivência na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade é o uso falado de uma língua, sendo um sistema de comunicação relevante para o ser humano, porque através dela o homem pode se comunicar com seus pares nos mais diversas situações sociais, participando de conversas formais ou informais, interagir dando e ouvindo opiniões, dialogar de forma coerente, usando a fala para lhe auxiliar nos mais diversos contextos comunicativos existentes na sociedade.

Entretanto para o homem poder se comunicar com êxito e clareza em que todos possam e compreendê-lo e ele também possa compreender uma mensagem recebida é necessário que a oralidade seja bem desenvolvida em todas as áreas e, principalmente na escola, onde devem ser trabalhadas suas competências e habilidades, possibilitando que o educando desenvolva sua capacidade de se expressar oralmente em público, dialogar sem timidez, de formular suas próprias opiniões, podendo colaborar com as opiniões alheias sem haver discórdia e compreender as mensagens ditas através de um discurso, ou outro ato de fala qualquer.

Foi nessa proposição que esta pesquisa visou como objetivo geral, compreender como era trabalhado o desenvolvimento da expressão oral alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Com essa finalidade escolhemos uma escola e selecionamos uma turma de 3ºano do ciclo, em sala de aula. Nesse contexto foi necessário fazer observação e participação na referida sala, para termos dados para todo o trabalho realizado sobre o desenvolvimento da oralidade o qual consideramos de suma relevância que esse trabalho seja desenvolvido logo nos primeiros anos escolar, assim que os educandos adentram a escola.

Além da nossa observação e participação no contexto da sala de aula, trabalhamos com os sujeitos, nos os quais foram os educandos e a professora, realizamos as entrevistas com eles, para compreendermos quais conceitos tinham sobre o tema abordado, a oralidade, e se a professora estava realizando o trabalho de forma que viesse de fato contribuir para que os educandos pudessem adquirir os conhecimentos relacionados à oralidade e suas competências e habilidades.

Com isso compreendemos que o trabalho que vem sendo realizado com os educandos é um trabalho de leituras e interpretação de textos e histórias contadas, mas somente pela professora, e a participação dos educandos é de reconto dessas histórias, mas na maioria das vezes através de recorte e colagem, nos quais não ajudam no desenvolvimento da oralidade.

Os estudos sobre a temática apontam que para se trabalhar o desenvolvimento da oralidade como um todo, é necessário inserir todos os educandos no contexto da atividade, fazendo com que eles participassem de forma interativa, e possam compreender que a oralidade é a fala, bem desenvolvida, para através dela o educando se comunicar com clareza, dialogar com eficácia e realizar

seus discursos de forma prazerosa sem medo ou inibição, seja na escola ou em qualquer outro lugar que precisarem usar a fala.

E assim, sugere-se que logo após a professora contar as histórias, pode estimular os educandos ao reconto, que ao invés de recorte e colagem, recriarem suas próprias histórias e socializar com seus colegas em sala, criando assim um local propício para o diálogo e comunicação entre ambos, o qual, sem dúvida, esse trabalho sendo realizado dessa maneira, os estudantes perdem o medo de se comunicar, e podem adquirir os hábitos de usar os turnos de fala, que possibilitará uma compreensão melhor em sala de aula, e diminuiria as conversas paralelas, pois todos fariam uso de uma oralidade bem desenvolvida, e ajudaria na aquisição de todos os conteúdos propostos pelo ensino.

Portanto, pelo que expomos a nossa pesquisa alcançou os objetivos propostos, de compreender como acontecia o desenvolvimento da oralidade, fazendo-nos refletir que não se pode trabalhar de forma individual no qual o professor ensina os educandos a reproduzirem suas práticas, faz-se necessário que o professor realize o trabalho em conjunto com os educandos, transformando eles em sujeitos participantes e ativos no processo de desenvolvimento das atividades realizadas na sala.

Podemos analisar como era desenvolvido o trabalho com a comunicação, se os educandos se comunicavam espontaneamente e com clareza, e assim percebemos que a fala para eles se resume a falas paralelas, sem sentidos específicos, ou simplesmente sem objetivo algum, chegando a falar as escondidas por medo de serem repreendidos.

Alcançamos nosso objetivo quanto descrever como era trabalhada as competências e habilidades na oralidade, descobrindo que essas práticas ainda estão muito distantes da realidade da sala de aula, pois as aulas de língua portuguesa nas qual seriam para se trabalhar com mais frequência esses conteúdos fica ainda muito disperso, por entenderem que o trabalho com a oralidade é somente a reprodução de leituras, leituras essas realizadas sem nenhum direcionamento por parte dos professores.

Assim, tivemos a oportunidade de realizar uma oficina, a qual nos possibilitou compartilhar com a turma, evidenciando como se pode realizar um trabalho, em que se desenvolvam as competências e as habilidades dos educandos, para que todos participem e ganhem o gosto pela comunicação, deixando de ser algo temeroso

para se tornar prazeroso, e venha contribuir para desenvolverem uma oralidade a qual os ajudem nos mais diversos contextos comunicativos de suas vidas.

E por fim, conseguimos compreender que o desenvolvimento da oralidade é de suma relevância para que o educando adquira as competências e as habilidades da oralidade para se tornar um adulto comunicativo e participativo na sociedade, aspecto que é previsto por lei e como os PCN e RCNEI propõem no ensino, pois ainda ficam em segundo plano nas salas de aula, dando ênfase muito mais aos conteúdos escritos, que também são relevantes, mas deixam de lado o trabalho com a oralidade, o que possibilitaria a criança desenvolver sua comunicação em toda sua abrangência e, assim, seria auxiliado em todas as outras atividades realizadas durante as aulas, que mais à frente o tornaria sujeito competente em todas as situações de comunicação que possam participar nos mais diversos contextos sociais.

REFERÊNCIAS

A BIBLÍA anotada: edição expandida/ Charles C.Ryrie. Ed.rev. e expandida. São Paulo: Mundo Cristão; sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP: 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. São Paulo. Ática, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: 1998 MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil conhecimento demundo**. Brasília: MEC/SEF. / 1998, vol.3

CALVET, Louis Jean. **Tradição Oral e Tradição Escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAMASCENO Maria Nobre, Sales Celecina de Maria Veras, Oliveira Nadja Rinelle de Almeida. **Pesquisa qualitativa: formação e experiências**. Curitiba: CRV, 2016.

DIAS, Ana Lorio. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza: Brasil tropical, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FRIGOTO, G. Iraní Fazenda I (org). **O enfoque da dialética materialista** histórica na pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala Para a Escrita**: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez, 2015.
- MATOS Monteiro Rizalva. LEAL Santana Karol Gyane. **A coelhinha Marrom**. Parintins, 2017.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Declaração universal dos Direitos Lingüísticos**. Campinas: São Paulo: IPOL, 2003.
- ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita**: A Tecnologização da Palavra. Campinas: Papyrus, 1998.
- ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. **Análise da conversação**. São Paulo: Parábola, 2006.
- QUADROS, Ronice Müller de, e Ingrid Finger. **Teorias de Aquisição da Linguagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Falando ao Pé da Letra: A Constituição da Narrativa e do Letramento**. São Paulo: Parábola, 2010.
- Street, Brian **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na Educação. São Paulo: Parábola, 2014.

APÊNDICES

ANEXOS

DOCUMENTOS DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA